

UM TRATADO SINGULAR SOBRE A ESMOLA NA PRIMEIRA METADE DE SEISCENTOS EM PORTUGAL

JOSÉ ADRIANO DE FREITAS CARVALHO
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO – CITCEM
gracafreitascarvalho@gmail.com

RESUMO: Centrando-se na análise de uma das raras obras que na Península Ibérica, nos fins do século XVI e começos do seguinte, se produziram em torno do tema *pobre/alter Christus* como via (ascética e mística) de perfeição espiritual, procura-se, recorrendo a outro tipo de documentação – parenética e iconográfica – situar tal problemática no contexto social do seu «tempo».

PALAVRAS-CHAVE: Fr. Luís da Apresentação; Esmola; Século XVII.

ABSTRACT: Focusing on the analysis of one of the rare works that in the Iberian Peninsula at the end of the XVIth century and the beginnings of the following, were produced around the subject of *poor / alter Christus* as a (ascetical and mystical) way of spiritual perfection, resorting to other types of documentation – sermon books and iconographic documentation - situate this problematic in the social context of its “time”.

KEY-WORDS: Fr. Luís da Apresentação; Alms; XVIIth century.

As notas bio-bibliográficas que se seguem sobre o carmelita da antiga observância Fr. Luís da Apresentação – digamo-lo de Mértola para evitar aqui apresentar, sob a ambígua luz de jogo de palavras, quem já era de Apresentação – procedem, em larga medida, das que D. Barbosa Machado¹ registou ao respigar as referências ou simples alusões que a ele fazem alguns autores – bibliógrafos e cronistas –, desde, por exemplo, Nicolás António até Fr. Manuel de Sá, O.C., este nas suas *Memórias históricas dos Illustrissimos Arcebispos, Bispos, e Escritores Portuguezes da Ordem de N. S. do Carmo reduzidas a catalogo alfabético* (Lisboa Oriental: Off. Ferreiriana, 1724), passando por um D. Francisco Manuel de Melo que, na célebre (e ainda hoje tão útil) carta «ao Dr. Manuel Temudo da

¹ MACHADO, Diogo Barbosa – *Bibliotheca Lusitana*. Tomo III. Lisboa: Ignacio Rodrigues, 1752 (aliás, Coimbra: Atlântida Editora, 1966), p. 118-119. Os raros estudos recentes que, incidentalmente, se lhe referem – e que teremos de citar –, não se ocupam da sua biografia.

Fonseca, Vigairo Geral do Arcebispado de Lisboa», entre os autores de «Teologia mística» – não discutamos as confusões de D. Francisco... – reconhecidos «por professores e mestres do espírito», lembra assim escorreita e vagamente «os piadosos tratados de Fr. Luís de Mértola»².

Contas feitas, se quando morreu, em 1653, tinha 72 anos, terá nascido, em – ou à volta de – 1581, em Mértola – e daí, com o apoio de alguma tradição, se preferisse, muitas vezes, identificá-lo pela referência ao nome da sua vila natal – Luís de Mértola³ – e não pelo seu nome de religião. Estudante de Latinidades na Universidade de Évora, entrou, em 1599, nos carmelitas da antiga observância – ou calçados, por oposição aos descalços da reforma de Santa Teresa – da então segunda capital do Reino, tendo professado solenemente em 1600. Aprofundou Artes em Évora e no convento de Lisboa estudou Teologia, «especializando-se», aceitemos a actualização, em Teologia Moral, «lição [esta]» que «lhe grangeou huma grande veneração em todas as terras em que assistio; porque em alguns conventos da Provincia a leu, e sempre foy consultado nas matérias graves, e quando os religiosos mais doutos das outras sagradas famílias o erão, não querião dar o seu parecer, sem primeyro verem o [seu], ao qual communmente seguião pela grande experiencia, que tinhão de que a sua resolução em qualquer consulta, era mais segura para a consciência»⁴. Compreende-se que, em aprovações e licenças de publicação das suas obras, o digam, entre outras ocupações – mestre de noviços, por exemplo –, lente de Teologia Moral. Em 1643, obedecendo – e, a seguir os seus biógrafos, nunca exaltaremos bastante a sua obediência – ao mandado de Fr. Pedro Estraço, Padre geral da Ordem do Carmo, foi «comissário, visitador e reformador da Vigairaria» da sua ordem no Brasil, aí fazendo publicar e mandar ler nos conventos uma Pastoral sua, datada da Baía a 4.3.1644, apelando à concórdia e reforma conventuais, texto em que semeia, como sempre gostou de fazer, algum *exemplum* ilustrativo⁵. Ao convento da Baía, «cabeça daquella vigairaria», deixou os seus «muitos, e bons livros espirituaes, predicativos, theologicos, assi mesmo especulativos como

² MELO, Francisco Manuel de – *Cartas familiares* (Prefácio e notas de SARMENTO, Maria da Conceição Moira). Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1990, p. 418.

³ Alguma vez, Fr. Luís há-de remeter-nos para as suas origens natalícias na arquidiocese de Évora, como por exemplo, quando, em *Excellencias da misericórdia e frutos da esmolla* (Lisboa: Gerardo da Vinha, 1625, p. 45r), ao recordar exemplos de grandes esmoleres, escreve: «Pareceme que me hia já esquecendo dos meus dous bons pastores, dom João de Mello, e dom Theotonio de Bragança, ambos arcebispos de Évora, e muy notaveis na liberalidade para com os pobres». (Citaremos sempre esta obra por *Excellencias da misericórdia...*, intervindo, alguma vez, na pontuação, de modo a tornar mais imediatamente compreensível o pensamento do autor, e ainda na uniformização do uso das maiúsculas e minúsculas de acordo com a norma actual).

⁴ SÁ, Manuel de, O.C. – *Memorias Históricas dos Illustrissimos Arcebispos, Bispos, e Escriitores Portuguezes da Ordem de N. S. do Carmo reduzidas a catalogo alfabético*. Lisboa Oriental: Off. Ferreiriana, 1724, p. 347 (Referiremos sempre esta obra por *Memorias Históricas...*).

⁵ SÁ, Manuel de – *Memorias Históricas...* Ed. cit., p. 348-352.

praticos, e tambem alguns de hum e outro Direyto», desprendida dádiva que, como exemplo do seu amor à Pobreza, assinala Fr. Manuel de Sá comentando que o fez «sem disso receber satisfação algũa»⁶. Intimamente relacionada com este seu amor à Pobreza – a religiosa, caso em que nada possuía ou recebia sem permissão dos seus superiores, como acontecia, por exemplo, com os livros, ou a «civil», pois, segundo Fr. Manuel de Sá, «de todas as santas obras [a favor dos pobres] lhe resultou o titulo especioso de *Pay dos pobres*, e por tal era denominado e conhecido» –, está a sua assistência aos enfermos no Hospital Real de Lisboa⁷. São circunstâncias, estas, biográficas que podem ajudar a perceber que o lente de Teologia Moral tenha publicado as suas lições – a marca da «leitura» escolástica é, ou parece-nos, nelas evidente, como veremos – dedicadas às excelências da misericórdia e frutos da esmola... Apenas como fecho destas breves notas biográficas, lembremos, como exemplo, das suas devoções, a sua assiduidade e atenção à reza da «coroa de Nossa Senhora», a ponto de parecer, diz o seu biógrafo, «que esta deveria agradar muito à Senhora pelo que lhe succedeo na jornada que fez ao Brasil, e foy que estando na varanda da nao rezando a coroa, lhe cairão as contas ao mar, de que ficou sentidissimo, mas pescando os marinheyros vinte e oito horas depois hum tubarão o abrião e acharão no ventre as ditas contas...»⁸.

Da produção literária deste carmelita, «diligente investigador das antiguidades da sua ordem»⁹, que morreu em 15 de Abril de 1653, assinalemos, sublinhando a sua costela de hagiógrafo, uma breve série de «vidas» de gente, ou venerável ou veneranda, da sua Ordem e, em um caso, de uma outra. Delas estão éditas três:

1 – *Vida e morte do P. Estevão da Purificação Religioso da Ordem de N. S. do Carmo da Provincia de Portugal*. Lisboa: Pedro Craesbeeck, 1621;

2 – *Vida de la bienaventurada Madre Soror Maria Magdalena de Pazzi* (Pedro Craesbeeck, 1626)¹⁰ [há uma 2ª edição, ao parecer mais correcta, em Lisboa: por Antonio Alvarez, 1642];

3 – *Extracto dos processos que se tirarão por ordem dos Illustrissimos Ordinarios na forma do Direito sobre a vida e morte do V. P. Antonio da Conceição Religioso da Congregação de S. João Evangelista deste Reyno de Portugal* (Lisboa: Antonio

⁶ Sá, Manuel de – *Memorias Históricas*.... Ed. cit., p. 352.

⁷ Sá, Manuel de – *Memorias Históricas*.... Ed. cit., p. 356-357.

⁸ Sá, Manuel de – *Memorias Históricas*.... Ed. cit., p. 358.

⁹ CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos sanctos e varoens illustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas*. Tomo I. Lisboa: Officina Craesbeeckiana, 1652, p. 461.

¹⁰ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia*...., p. 170r, alude à iminência da publicação da obra, talvez em vista da anunciada beatificação (1626) da então venerável Madalena de Pazzi: «Para o exemplo da charidade com os enfermos porei ainda aqui a nossa veneravel sor Maria Magdalena de Pazzi florentina que faleceo no ano de 1607, cuja vida com o favor de Deos cedo imprimiremos...».

Alvarez, 1647)¹¹.

Outras quatro ficaram inéditas:

1 – *Vida de D. Maria Manuel mulher de Manoel de Mello sogra e prima com irmãa do Marquez de Montalvão, filha de Manoel de Souza, Aposentador Mor*¹²;

2 – *Vida de Soror Maria da Purificação Religiosa do convento do Carmo da Villa de Tentugal*;

3 – *Vida do V. Fr. Antonio da Vizitação carmelita*¹³;

4 – *Vida de Fr. Manuel Tavares, carmelita*, que, depois de Jorge Cardoso, regista, para este remetendo, Fr. Manuel de Sá¹⁴.

Passemos um *Tractatus de poenitentia* que, ao que parece, ficou igualmente em manuscrito, e apontemos quer a sua *Demonstracion evangelica y destierro de ignorancias judaicas dividido en siete libros* (Lisboa: Matheus Pinheiro, 1631) – peça, ao parecer, extravagante da sua bibliografia que, talvez, haverá que ler no círculo do fogo larvar que, durante a década de 20 de Seiscentos, cercava as relações entre a Coroa, a Inquisição e os bispos portugueses a propósito de queixas de cristãos novos e das consequentes interessadas concessões que Madrid lhes fazia ou se propunha ir fazendo¹⁵ –, quer, finalmente, *Excellencias da misericordia e fructos da esmolla. I. Parte* (Lisboa: Gerardo da Vinha, 1625), obra esta que, ao arrepio do que, à primeira vista, talvez se possa pensar, pelo

¹¹ Permitimo-nos remeter para um breve ensaio nosso sobre esta obra de Fr. Luís da Apresentação: *Um "Beato vivo": o P. António da Conceição, C.S.J.E., conselheiro e profeta no tempo de Filipe II.* «Via Spiritus», 5 (1998), p. 11-50.

¹² Este título, a menos que o Abade de Sever tenha visto o ms., deverá ser um «arranjo» seu a partir de uma carta do «Beato» Fr. António para a dita D. Maria Manoel publicada por Fr. Luís da Apresentação na sua biografia: *Carta para Dona Maria Manoel, sogra e prima com irmãa do Marquez de Montalvão, que hoje he Dom Jorge de Mascarenhas...*» (ed. cit., p. 95-97); no seu comentário final à carta, Fr. Luís apenas diz que «das suas [D. Maria Manoel] virtudes fiz eu hũa larga relação de mais de 20 folhas de papel, que dei a sua filha dona Antonia Pereira, que Deos tem, abadessa que foy da Esperança».

¹³ As três biografias inéditas são citadas, como precisa Barbosa Machado, por Jorge Cardoso no seu *Agiologio Lusitano dos sanctos e varoens illustres...* (Lisboa, 1652 – 1666, vs. eds.), que, provavelmente, terá sido a fonte bibliográfica do Abade de Sever. Com efeito: «O R. F. Luis de Mertola, como foy o ultimo padre espiritual que [D. Maria Manoel, † 1635] teve por espacio de 18 annos, fez hum largo tratado de sua vida, que vi naquelle tempo, e agora (querendome aproveitar delle) o não pude descobrir, mais que a breve relação que elle mesmo nos dá na vida impressa do P. Antonio da Conceição...» (*Agiologio Lusitano*. Tomo II. Ed. cit., p. 481). Em nossas referências à obra de Jorge Cardoso seguimos a edição fac-símile oferecida por FERNANDES, Maria de Lurdes Correia. Porto: Faculdade de Letras, 2002, acompanhada por um quinto volume composto por um notável estudo e por utilísimos índices.

«De Soror Maria da Purificação, natural de Coimbra, que falleceu em Tentugal ann. 1624, temos a vida diffusamente escrita pello P. F. Luis de Mertola...» (CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano*. Tomo I. Ed. cit., p. 340); «Sua vida [Fr. António da Visitação, † 1607] remeteo o P. Fr. Luis de Mertola a Roma para os Annaes da Ordem, da qual nos aproveitamos (CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano*. Tomo III. Ed. cit., p. 237).

¹⁴ CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano*. Tomo III. Ed. cit., p. 380-381: «Sua vida [P. Manuel Tavares, † 1622] escreveo o P. Fr. Luis de Mértola, que o conheceo, e communicou muitos annos familiarmente, porem não passou de ms., se bem já delle se lembra no liv. intitulado: *Excellencias da Esmola*, I p., c.7»; SÁ, Manuel de – *Memorias Historicas...* Ed. cit., p. 359. Barbosa Machado esqueceu-se de aludir a esta obra. A breve alusão, referida por J. Cardoso, lê-se, afectivamente, em *Excellencias da misericordia*. Ed. cit., p. 48r.

¹⁵ MARCOCCI, Giuseppe; PAIVA, José Pedro – *História da Inquisição Portuguesa 1536 – 1821*. Lisboa: Esfera dos livros, 2013, p. 150-155, especialmente.

recurso sistemático à narrativa de casos exemplares (*exempla*) de personagens antigas e modernas, toca, por muitas raías, esse país das maravilhas que é a hagiografia.

Tal como para a França do século XVII – e já foi assinalado¹⁶ –, a bibliografia portuguesa mais ou menos sua contemporânea – e até espanhola – sobre a esmola como fonte e meio de aperfeiçoamento espiritual é modesta, pois, pelos anos em que escrevia ao sua obra, Fr. Luís com pouco mais podia contar que com os largos 10 parágrafos que Fr. Luís de Granada dedicara ao tema no Tratado III – «De la limosna y misericordia» – do seu *Libro de la oración y meditación* (Salamanca: Andrea de Portinaris, 1554, mas com inúmeras reedições), intitulado, parágrafo a parágrafo, precisamente «De la excelencia de la limosna y misericordia». Com menos amplidão e menos precisão do seu objecto, o P. Granada voltará ao tema alguma vez mais, muito especialmente – ainda que um tanto obliquamente – nas *Adiciones al memorial de la vida Cristiana* (Salamanca: Matías Gast, 1574) em que dedica um a um dos oito parágrafos do capítulo I à «Excelencia de la Caridad», fechando-o com um parágrafo mais em que trata «De algunos elogios de la caridad, y nona excelencia suya»¹⁷. É certo que o Padre Mértola poderia conhecer – mas conheceria? – de Luigi Lippomano, bispo de Verona, o *Fructos admirables de los que hazen limosna*, em tradução de Francisco Alvarado (Roma: Bartholome Bonfadino, 1586), ou de Giulio Fulci, o *Libro de los maravillosos efectos de la limosna y sentencias dignas de memoria tocantes a la mesma limosna* (Alcalá de Henares: Antonio Gotard, 1589). Estas nossas dúvidas e restrições devem-se, como se compreenderá, a que a apaixonante *Deliberación en la causa de los pobres* (Salamanca: Juan de Junta, 1545) de Fr. Domingo Soto e a sua contestação, cerca de três meses depois, por Fr. Juan de Robles com a sua *De la orden que en algunos pueblos de España se ha puesto en la limosna para remedio de los verdaderos pobres* (Juan de Junta, 1545), dizem, no contexto da cultura peninsular da segunda metade dum século XVI às mãos com o problema do número em aumento de pobres, especialmente respeito – e nomemos ainda, entre os sobressalientes, apenas, vinte anos antes, o *De subventione pauperum sive de humanis necessitatibus* (Bruges: Typis Huberti de Crook, 1526) de Juan Luís Vives e, muito mais tarde, em 1579 (Coimbra: Antonio de Mariz), o

¹⁶ DEPAUW, Jacques – *Spiritualité et pauvreté à Paris au XVIIème siècle*. Paris: La Boutique de l'Histoire Editions, 1999, p. 6, 291; a fiarmo-nos nos inventários de *Librerías salmantinas del siglo XVI*, reunidos por BÉCARES BOTAS, Vicente. Fundación Instituto Castellano y Leonés de la Lengua, s. d. (2007), dir-se-ia que, entre 1530-1534 e 1597, nessa cidade universitária – por Castela? – apenas circulava a tradução, por D. Pérez de Mesa, da obra de G. Fulci, o *Libro de los maravillosos efectos de la limosna* acima referido (conf. ob. cit., pp. 46, 47, 398, 407, 436).

¹⁷ Por simples comodidade de trabalho, as nossas referências às obras de Fr. Luís de Granada remetem para a edição que de algumas deu Don José Joaquín de Mora em Biblioteca de Autores Españoles, Madrid, 1945, e não para a magna edição das *Obras Completas de Fray Luis de Granada* (Madrid: Fundación Universitaria Española/Dominicos de Andalucía, 1994-2003).

Tractado de remedio de los pobres e Exhortación a la compassion y misericordia de los pobres (Barcelona: Trinxer, 1583) de Miguel de Giginta ou, ainda, em 1598 (Madrid: Luis Sanchez) o *Discurso del amparo de los legitimos pobres, y reduccion de los fingidos*, de Cristóbal Pérez de Herrera – quer à liberdade – e ao direito – de pedir e de dar, quer aos modos de organizar, «suave» e urgentemente, os modelos assistenciais consequentes dessa e com essa liberdade, garantida esta, então, somente aos «verdadeiros pobres»¹⁸. Quase o mesmo, quanto à liberdade de pedir e dar, se pode dizer dos teólogos e canonistas – um Francisco Suárez com *De Charitate...*, isto, é, provavelmente o *Opus de triplici virtute theologica, Fide, Spe et Charitate* (Coimbra: N. Carvalho, 1621) e *De Relig.* que deverá ser o *Opus de virtute et statu religionis* (Coimbra: Officina Pedro Craesbeeck, 1608-1609); um Francisco de Ribera de quem refere o *De fabrica templi* que talvez seja o *In sacram b. Iohannis Apostoli et Evangelistae Apocalypsim commentarii... His adiuncti sunt quinque libri de templo et de iis quae ad templum pertinent* (Salamanca: Pedro Lasso, 1591); um Luís de Molina com o *Tract. 2 de Just.* que será, muito provavelmente, o *De iustitia et iure* (Muguntia: B. Lippius, 1602); um Gabriel Vázquez, de quem cita o *Comm.* que, talvez, deva identificar-se com o *Commentariorum in primam secundae S. Thomae* (Alcalá: Officina Ionnes Gratianus, 1599-1605); um Juan de Mariana com o *De rege et regis institutione* (Toledo: Pedro Rodriguez, 1599), por exemplo¹⁹ – que cita abundantemente ao longo dos primeiros capítulos em que discute ou precisa as suas vistas de casuística moral em relação às páginas da *Summa Theologica* (IIa Ilae, Q. XXX, art.4; Q. XXXII, art.5; Q. XXXIII, art. 10) em que Santo Tomás discute acerca da «natureza e actos da Misericórdia».

Dedicadas a D. Maria de Távora, uma grande dama exemplo de virtude²⁰

¹⁸ Seria quase estulto, pois seria «sondar o mar com uma bóia», dar aqui indicações bibliográficas sobre cada um dos autores e perspectivas aludidos, pelo que nos limitamos a indicar as edições dos textos e estudos que utilizámos: VIVES, Juan Luis – *Tratado del socorro de los pobres traducido del latín al castellano por el Dr. Juan de Gonzalo Nieto Ivarra*. Madrid: Centro de Publicaciones del Ministerio de Asuntos Sociales, 1991; SOTO, Fray Domingo de, O.P. – *Deliberación en la causa de los pobres (Y réplica de Fray Juan de Robles, O.S.B.)*. Madrid: Instituto de Estudios Jurídicos, 1965; GIGINTA, Miguel de – *Tratado de remedio de pobres* (Edición y estudio introductorio [de] SANTOLARIA SIERRA, Felix). Barcelona: Editorial Ariel, S.A.– Edicions Universitat de Barcelona, 2000; PÉREZ DE HERRERA, Cristóbal – *Amparo de pobres* (Edición, introducción y notas de CAVILLAC, Michel). Madrid: Espasa-Calpe, 1975; GARRÁN MARTÍNEZ, José María – *La prohibición de la mendicidad. La controversia entre Domingo de Soto y Juan de Robles en Salamanca (1545)*. Salamanca: Ediciones Universidad, 2004. Assinalamos, contudo, a ressonância de propostas e polémicas em torno da questão que ocorrem em *Omnibona*, essa utopia datável da década dos anos quarenta do século XVI, recentemente editada por Ignacio García Pinilla com «un estado de la cuestión» por Victor Lillo Castañi (Salamanca: Semyr&IEMYR, 2017, II, 36 («Cómo se ha de proveer para que los pobres necesitados sean curados y proveidos, y los que pueden trabajar que no estén ociosos y los bellacos sean castigados») e 37 («Cómo se han de proveer los pobres naturales que están en sus casas y cómo han de hazer trabajar a los que pueden, para que no estén ociosos»), p. 79-81, 81-82, respectivamente.

¹⁹ Destas propostas de identificação bibliográfica procuramos citar não tanto as primeiras edições das referidas obras, mas, sim, edições anteriores a 1625 que, eventualmente, Fr. Luís da Apresentação poderia ter conhecido.

²⁰ A Paula Almeida Mendes, investigadora que se tem dedicado com rara atenção ao estudo das «vidas exemplares»

– mais tarde exaltará o seu marido, D. Afonso de Lencastre, Comendador Mor da Ordem de Cristo, recentemente falecido (1623), e o pai deste, D. Dinis de Lencastre, como altos exemplos de grandes esmoleres e misericordiosos²¹ –, as *Excellencias da misericórdia e fructos da esmolla* – obra muito pouco estudada²² – é, como se estampa no seu próprio rosto, somente a primeira parte de um tratado de Teologia Moral dedicado às obras de misericórdia, começando, precisamente, pelas corporais – apenas estruturalmente elencadas nos últimos capítulos – e, conseqüentemente, visando a esmola material. Compreende-se que, pelo que temos vindo a sugerir, Fr. Luís não se preocupe mais que com a esmola directa e pessoal ao pobre, descurando, por isso, os aspectos de qualquer assistência organizada, se exceptuarmos o caso especial do socorro aos cativos pela Ordem trinitária a que dedica os capítulos finais do livro. E, assim, mesmo no caso das Misericórdias, o que parece exaltar é a atenção do voluntário irmão ao pobre doente e necessitado. A «esmola espiritual» que se põe em prática com as obras de misericórdia espirituais acabou o autor, como avisa em vários lugares, por diferi-la, mudando o plano inicial do seu projecto²³, para uma segunda parte²⁴

e das respectivas dedicatórias, escapou, se mal não lemos, este paratexto de *Excellencias da misericórdia e fructos da esmolla* no seu *Dedicatórias e dedicatários de “vidas” devotas e de santos em Portugal (séculos XVI – XVII): entre a protecção e a devoção*, «Via Spiritus», 19 (2012), p. 5-57, em que regista um impressionante conjunto de 216 dedicatórias; a mesma investigadora em um muito bem elaborado trabalho posterior, *La costruzione dei comportamenti esemplari: Vite di nobili donne in Portogallo nel Seicento*. «Archivio Italiano per la Storia della Pietà», 27 (2014), p. 31-54, ainda que recorde a dedicatória que Fr. Luís de Mértola fez a D. Luísa da Silva e Mendonça da sua *Vida de la bienaventurada Madre Soror Magdalena de Pazzi* (Lisboa: P. Craesbeeck, 1626), também não se lembrou da «pobre» D. Maria de Távora... que então (1625) devia receber nessa dedicatória, mais do que um elogio das altas suas virtudes, a consolação pela recente morte de seu marido, o comendador-mor, D. Afonso de Alencastre, grande esmolero e provedor da Misericórdia de Lisboa. Permitimo-nos sugerir, diante da falta de estudos que enquadrem este imprescindível género de pesquisas, quanto seria importante desenvolver, cruzando-as, muitas das sugestões que oferecem COOLIDGE, Grace E. (*Aristocracia y élites urbanas*) e CRUZ, Anne J. (*La educación de las mujeres en la España de la temprana Edad Moderna*). In BARANDA LETURIO, Nieves; CRUZ, Anne J. (Ed.) – *Las escritoras españolas de la Edad Moderna. Historia y guía para la investigación*. Madrid: UNED, 2018, p. 41-84.

²¹ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericórdia*... Ed. cit., p.78r-78v.

²² XAVIER, Ângela Barreto – *Amores e desamores pelos pobres: imagens, afectos e atitudes (sécs. XVI e XVII)*. «Lusitania Sacra», 2ª série, 11 (1999), p. 59-85 (esp. p. 73-74, 78, 79-81); LOPES, Maria Antónia – *Os pobres, os ricos e a caridade na literatura religiosa portuguesa dos séculos XVII, XVIII e XIX*. «Erasmus: Revista de Historia Bajomedieval y Moderna», 3 (2016), p. 69-88 (esp. p. 71, 81, 84), são as únicas referências bibliográficas mais recentes que conhecemos.

²³ Em «Advertencias ao leitor» escreve: «Advirto pio leitor que, posto que meu intento no principio foy tratar neste livro das obras de Misericórdia espirituas juntamente com as corporaes; com tudo, depois mudei o conselho por justos respeito, e assi trataremos dellas em livro ou livros particulares, dando-nos Deos saude e não impedindo a obediencia com algũas occupações incompatíveis com a applicação que a obra pede...» (PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericórdia*... Ed. cit., s. p.).

²⁴ «Em fim na segunda parte deste livro se dirá muito da correição fraterna e paterna, e em que modo obriga o preceito aos pregadores com especialidade, porque há nesta matéria algũas verdades ou mal entendidas ou mal sentidas, ainda de alguns que profissão letras. Diremos também muito do amor ao proximo, e do odio, vicio tão geral, que se lhe opõe. No fim irá um tratado do Purgatorio para persuadir a rogar a Deos pellos difuntos» (PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericórdia e fructos da esmolla*, «Advertencias ao leitor». Ed. cit., s. p.; «Aqui [cap. XIII] podera por algũs exemplos das almas do Purgatorio, digo de como aquelles que usavão de misericórdia com elles são livres de seus inimigos, e Deos lhes conserva a vida: Porém, fique isto para outro lugar,

que, cremos, nunca chegou a publicar e que, talvez, não tenha passado de um projecto para que ia carreando materiais²⁵.

De qualquer modo, o que parece ressaltar destas suas declarações é a sua preocupação por organizar a matéria teológica da obra com vista à leitura quer pelos «que menos entendem» quer «pelos mais curiosos» – e para uns e outros deverá ser o conselho sobre o modo de ler «livros espirituais» que dá logo nas «Advertencias ao leitor»²⁶ – quer ainda pelos pregadores, pois, como também já assinalava o carmelita Fr. Francisco da Silva na sua «licença» para publicação do livro²⁷, «não deixão de ir aqui algũas cousas dos santos que podem servir para o pulpito, e para o mesmo lugar são os exemplos que aqui pus quasi todos»²⁸.

Estruturada em vinte capítulos em que expõe e debate as diversas perspectivas por que se devem olhar espiritualmente a misericórdia e a esmola – desde a sua definição até aos seus «fructos» espirituais e até materiais, pois, em lição tradicional já aproveitada por Fr. Luís de Granada, por exemplo, a esmola «rende» juros espirituais e materiais, visíveis estes no aumento da saúde, da fortuna pessoal, etc. –, seguidos por outros de «demonstração» prática da matéria de cada um desses capítulos fundamentada em exemplos antigos e modernos. Para os primeiros, que poderíamos dizer doutrinários, as suas bases teóricas são, como já ficou sugerido, além de Santo Tomás e alguns mestres de Teologia Moral, sobretudo jesuítas, que lhe fornecem a moldura teológica da exposição, os Padres da Igreja, dentre os quais há que destacar, porque abundantemente citados, Santo Ambrósio (*Libri Exameron... De officiis..., Libri epistolarum...*), São Pedro Crisólogo (*Homiliae..., De jejunio et eleaomyna...*), São Gregório Magno (*Moralia..., Pastorales admonitiones...*), São Jerónimo (*Vitae*

que será na segunda parte deste tratado da Misericórdia» (PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericórdia...* Ed. cit., p. 94r-94v).

²⁵ «Os exemplos particulares desta obra [de misericórdia corporal: «dar de comer aos que tem fome»] se podem ver nos capítulos 6, 7 e 8 em pessoas de vários estados. Outros muitos fui achando que porei na segunda parte, especialmente de religiosos de diversas Religiões. Ahi tratarei da liberalidade daquelle muy illustre e grande prelado don Frey Aleixo de Meneses, religioso que foy da sagrada religião de santo Agostinho. Direi tambem das abstinencias do santo varão Frey Luis de Montoya da mesma religião, as quais abstinencias fazia para poder dar aos pobres. Direi tambem de outros servos de Deos muy esmoleres que li nas Chronicas dos bemaaventurados São Francisco, S. Domingos e S. Hieronimo depois de ter feito este livro.» (PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericórdia...* Ed. cit., p. 165v-166r). Permita-se-nos assinalar, incidentalmente, quanto estas últimas notícias sobre o seu projecto para a segunda parte da obra nos revelam sobre um modo de ler as crónicas monásticas no primeiro quartel do século XVII.

²⁶ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericórdia...*, «Advertencias ao leitor». Ed. cit., s.p.: «Hum conselho daria eu ao leitor que he geral para todos os que leem livros, principalmente espirituais, e he que junte sempre hũa breve petição a Deos para se aproveitar delle quando o tomar nas mãos, pello menos hũa Ave Maria à Virgem N. S., que he *Sedes sapientiae* e Mãe de Misericórdia para que lhe alcance hum sentimento [da] importancia desta virtude e tire os estorvos da vontade para a exercitar».

²⁷ Francisco da Silva, «licença» de Lisboa, 16.6.1625: «E entendo que não só será de muito fruto aos simples fiéis pelos muitos e variados exemplos com que os persuade a tão soberana virtude, mas tão bem aos professores das Sagradas Letras, e pregadores da palavra de Deos pella boa doutrina e são pensamentos que em si contem».

²⁸ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericórdia...* Ed. cit., «Advertencias ao leitor», s.p.

patrum..., *Epistolas...*), São Basílio (*Homiliae...*), São Clemente Alexandrino (*Paedagogus...*) e, muito especialmente, São João Crisóstomo (*Homiliae...*, *In epistola ad romanos...*, *Sermones* [*Serm. de habenda cura ad salutis proximi*]) e Santo Agostinho (*De civitate Dei...*, *Sermones...*, *Enarrationes in psalmos...*, *Libri homiliarum...*, *De decem cordis...*) cujo pensamento a respeito da misericórdia e da esmola conhece larga fortuna nos séculos XVI e XVII²⁹. Para a parte que diremos «prática», o *Prado espiritual* – o de João Mosco³⁰ ou o de Juan Basilio Santoro³¹? – Tomás de Cantiprato (*Miraculorum et exemplorum memorabilium sui temporis libri duo*, Duaci: B. Belleri, 1597) e L. Surius com as *Vitae sanctorum, ex probatissimis auctoribus...* (7 vols, vs. eds. entre 1570-1572 e 1618), o *Flos sanctorum* (Madrid, 1588) de Afonso de Villegas de que há tradução portuguesa desde 1598 (Lisboa: Simão Lopez), as *Crónicas* de S. Francisco de Assis – assim imprecisamente citadas, mas que poderiam ser as três partes das *Chronicas da Ordem dos frades menores* da autoria de Fr. Marcos de Lisboa que Fr. Luís dos Anjos reuniu e publicou, com algumas alterações, em 1614-1615 (Lisboa: Pedro Craesbeeck) –, as *Historiarum in tribus tomis discretarum* (várias edições desde 1517) de Santo Antonino, bispo de Florença, são, como era de esperar, as grandes fontes que lhe fornecem «exemplos antigos». Como «estes exemplos sejam antigos, parece que não movem tanto, ainda que sejam de muita autoridade, por onde he bem por outros mais modernos dos nossos dias»³², para o que recorre a obras como a *Quarta parte de la Chronica*

²⁹ VV. AA. – *Agustín en España (Siglos XVI y XVII): aspectos de Política, Historia y Cultura*. Ed. por MESTRE ZARAGOZA, Marina; RABATÉ, Philippe. «Críticón», 118 (2013), sendo de destacar, desde a nossa perspectiva, a colaboração de CAVILLAC, M. – *San Agustín en el gran debate sobre los pobres: 1545-1599 (de Domingo de Soto y Juan de Robles hasta Pérez de Herrera y Mateo Alemán)*, p. 45-56; nem MARQUES, João Francisco (*Santo Agostinho na literatura portuguesa*), nem GOMES, Josué Pinharanda (*O pensamento agostiniano e a filosofia portuguesa*) in *Santo Agostinho na cultura portuguesa*. Leiria-Fátima: Centro de Formação e Cultura da Diocese de Leiria-Fátima, 2004, se demoram nesta dimensão agostiniana e, muito menos, na sua presença na obra de Fr. Luís de Mértola.

³⁰ Deste poderia conhecer a antiga tradução de Ambrosio Traversari incluída em *Joannis Climaci Sacala paradisi, item Soproni Patriarchae Hirolomomitani Pratum Spirituale, omnia ex graeco ab Ambrosio Camaldulensi monacho latina facta*. Colonia: Off. Birckmanica, 1583.

³¹ *Prado espiriual. Los tres primeros libros*. Burgos: Philippe de Junta, 1588; *Prado espiriual. Quarto, quinto y zexto libro*. Burgos: Philippe de Junta, 1592; ou, mais provavelmente, *Prado espiriual. Primera y segunda parte*. Lisboa: Pedro Craesbeeck, 1607.

³² PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia...* Ed. cit., p. 92v; para o que puder interessar registemos aqui os exemplos de grandes senhores civis e eclesiásticos, de alguma rainha e de alguns poucos religiosos, pois estes deveriam ir na segunda parte da obra, todos acompanhados de uma breve notícia da sua «liberalidade para com os pobres»: Dr. Martinho de Azpilcueta, D. Dinis de Alencastre, Comendador Mor de Cristo, D. Afonso de Lencastre, seu filho e sucessor, marido de D. Maria de Távora, a quem é dedicada a obra, D. Miguel de Castro, arcebispo de Lisboa, S. Francisco Xavier, D. Fr. Bartolomeu dos Mártires, Fr. Amador Arrais, carmelita, bispo de Portalegre, D. João de Melo, arcebispo de Évora, D. Afonso de Castelo Branco, bispo de Coimbra, D. Teotónio de Bragança, arcebispo de Évora, S. Carlos Borromeo, rainha Santa Isabel de Hungria, rainha Santa Isabel de Portugal (de quem possuía Fr. Luís da Apresentação «reliquia de hũa mantilha sua em que, segundo se diz em sua vida [*Crónica de S. Francisco*] levava hũa vez huns poucos de pedaços de pão aos pobres, e que se lhe converteram em rosas»), Fr. Manuel Tavares, OC., Fr. Roque do Sacramento, OC., Fr. Estevão da Purificação, OC., Fr. Inácio, irmão carmelita, Fr. Diogo da Trindade, OC., Fr. Francisco del Niño Jesús, OCD.

general de nuestro Padre San Francisco (Valladolid: Juan Godinez de Millis y Diego de Cordova, 1611) de Fr. Francisco Daza; autores carmelitas como o célebre e melancolicamente atribulado Fr. G. Gracián de la Madre de Dios³³ de quem utiliza a *Lámpara encendida* (Salamanca: Simón de Portinaris, 1586) e o *Tratado de la redemption de captivos* (Brusselas: Juan de Momarte, 1609); a *Relação de Persia feita pelos padres agostinhos* que deverá ser a que, com base nas embaixadas de alguns eremitas de Santo Agostinho à Pérsia, compôs Fr. António de Gouveia da mesma ordem³⁴; vidas de santos e veneráveis – *Vida de la Madre Teresa de Jesus* (Salamanca: Pedro Lasso, 1590) por Francisco de Ribera, SJ.; *Vita del príncipe sacro de Macedonia D. Pedro, alias Fr. Angelo Cernovichio* (Valencia: Juan Crisostomo Garriz, 1612), do quase desconhecido Fr. Juan Pinto de Victoria, OC; *Historia de la vida e virtudes del venerable Hermano Fray Francisco del Niño Jesus* (Uclés: Convento de S. José, por Domingo de la Iglesia, 1624) por Fr. José de Jesus Maria, OCD; as biografias de Santa Maria Madalena de Pazzi e de Fr. Estêvão da Purificação que ele próprio escreveu; a *Vida de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires* (Viana: Nicolau de Carvalho, 1619)³⁵ por Fr. Luís de Sousa, citada com preciosismos de leitor atento; o *De vita Francisci Xavierii* (Roma: Typogr. Zannatti, 1596), de que corria uma tradução em espanhol pelo Padre Diego de Guzmán, SJ. (Valladolid: Juan Godinez de Millis, 1600), são algumas das obras de que, com mais ou menos abundância, extrai os seus *exempla*. Estes, por vezes, chegam mesmo a ser pequenas narrativas históricas, como o que conta sobre o carácter esmoler de Fr. Francisco del Niño Jesús, OCD, que o fez tão estimado da família real espanhola nos fins do século XVI, ou pequenas novelas hagiográficas de que um exemplo pode muito bem ser o que, sacado do *Flos sanctorum* de Villegas, traz sobre Santa Cassilda...

Muito naturalmente, poderemos sempre perguntar-nos o que de toda esta mole de informação resulta de leitura pessoal – e faltam ainda os Platões e os Aristóteles, os Cíceros, etc. – e, como no caso de Fr. Heitor Pinto na *Imagem da vida cristã*³⁶, o que relevará de Oficinas e Polianteas... Estamos, contudo, em

33 Podem ver-se as suas amargas tribulações, desde que tomou o hábito de carmelita descalço até 1613, na sua *Peregrinación de Anastasio*. Ed. de BERTINI, Giovanni Maria. Barcelona: Juan Flors, 1966.

34 Supomos, pois, que cita a *Relaçom em que se tratam as guerras e grandes victorias que alcanço o grande rei da Persia Xa Abbas do Grão Turco mahometano e seu filho Amethe, as quais resultaram das embaixadas que por mando da Catolica e real Magestade del Rey D. Felipe segundo de Portugal fizeram alguns religiosos da ordem dos Eremitas de Santo Agostinho a Persia. Composto pelo Padre fr. Antonio de Gouveia religioso da mesma ordem*. Lisboa: Pedro Craesbeeck, 1611.

35 ANSELMO, Artur – *Como e onde se imprimiu em 1619 a Vida de Dom Frei Bertolameu*. In *História do livro e Filologia*. Lisboa: Guimaraes Editores, 2015, p.89-98, esclarece, cremos definitivamente, os problemas levantados pelo lugar de impressão (Viana do Castelo) desta edição.

36 GLASER, Edward abordou esta questão na introdução que após à sua edição da tradução castelhana da primeira parte da *Imagem da vida cristã* ao tratar das fontes de Fr. Heitor Pinto (PINTO, Fray Hector – *Imagen de la vida Cristiana*. Barcelona: Juan Flors, 1967, p. 7-33).

crer – e não o dizemos, pois, por investigação objectiva – que as suas referências dos Padres da Igreja, extractos que, muitas vezes, são mais extensos que uma simples e breve citação e dados em latim e logo traduzidos ou glosados³⁷ e acompanhados da sua localização na obra – por vezes, a página..., o nº do parágrafo..., o título do sermão ou do capítulo que está a citar³⁸ –, poderão relevar de leitura pessoal e directa e, se assim for, talvez representem, no seu conjunto, um dos mais interessantes acolhimentos do pensamento social dos Padres da Igreja nestes fins do século XVI e começos do século seguinte. Algum dia, porém, convirá controlar com precisão as leituras de um carmelita que, além de cargos e andanças ao serviço da sua ordem e de autor de veia hagiográfica e outras, parece ter sido, como Heitor Pinto, um «lector infatigable». As referências das obras modernas e das recentes – estas, por vezes, quase «novidades» literárias – apontam, naturalmente, tanto quanto nos foi possível comprová-lo, para a leitura pessoal e indiciam da sua parte – e talvez até da sua ordem – um desejo de actualização que se traduzia nessa atenção bibliográfica «ao que acaba de publicar-se» – que pressupõe canais de informação e de circulação livreira – um dado a ter sempre presente quando, ontem como hoje, se fala de livros e dos seus leitores. A estas fontes há ainda que juntar algumas informações orais de conhecidos, como por exemplo, não só o que «ouviu contar a hum velho de muita virtude e de autoridade contemporaneo do Doutor Martinho de Azpilcueta Navarro, e que o tratou mui familiarmente...»³⁹, mas também o que «lhe contou [sobre o mesmo Doutor Navarro] hum religioso nosso que neste tempo por la [Roma] residio»⁴⁰, e ainda a recordação, já de alguma «dona mui illustre que hoje vive ainda que tem esta devoção [de apartar do dinheiro de que pode dispor] uma certa quantidade para missas das almas do Purgatorio...»⁴¹, já de acontecimentos de que foi testemunha, como o que «pellos annos de 1609, aconteceu a hum lavrador de Alentejo da comarca de Campo de Ourique, muy

³⁷ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia...* Ed. cit., «Advertencias ao leitor», s. p.: «Neste livro me podem tachar os que menos entendem, o por tantas autoridades em latim, e os mais curiosos não conceituar mais. Aos primeiros respondo que o que vay em linguagem, lido com desejo de se aproveitar lhes basta; aos outros digo que não deixão de ir aqui algũas cousas dos santos...».

³⁸ Nas citações que fazemos das passagens que Fr. Luís extracta dos autores que segue, procuramos deixar constante as localizações que dá nas respectivas obras, sem que, por inúmeras dificuldades óbvias – desde a determinação da obra realmente citada ou extractada até à edição utilizada – as tenhamos controlado. Não quer isto, contudo, dizer que, pelo que, antes de mais, aos Padres da Igreja diz respeito, tal não representasse ou possa vir a representar uma investigação que poderia esclarecer toda uma cultura de uma época.

³⁹ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia...* Ed. cit., p. 54v-55r, 160r.

⁴⁰ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia...* Ed. cit., p. 55v; o tal religioso carmelita contou ao autor que «o santo velho», Dr. Martín de Azpilcueta, sendo Penitenciário de Gregório XIII, «tendo muitas pessoas a que acodir a horas de jantar, com tudo elle em pessoa hia dar, ou ver dar, a esmola aos pobres, e dizia às partes com hum rosto muito alegre: *Señores, por amor de Dios tengan un tatico de paciencia que es menester despachemos estos embaxadores de Christo, y luego se hará todo*».

⁴¹ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia...* Ed. cit., p. 34v.

amigo dos pobres, o qual eu conheci muito bem, vir a cidade de Lisboa...»⁴², ou até «outro caso mais moderno que succedeo no anno de 1623, na cidade de Lisboa. Cahirão hũa casas junto do tronco dos castelhanos...»⁴³ ou ainda a evocação do exemplo de esmoleres como D. Miguel de Castro, arcebispo de Lisboa, falecido em 1625⁴⁴. Com toda esta imensa informação⁴⁵, constrói Fr. Luís, nos capítulos destinados à exposição das diferentes partes por que perspectiva a relação da misericórdia com a esmola, um discurso teórico tipicamente escolástico – ou não fosse um lente de Teologia Moral – que se trai imediatamente quer no seu próprio «modo» expositivo – define e analisa a matéria ou o objecto a expor⁴⁶..., enuncia esquematicamente a matéria ou o ponto de vista de que se vai ocupar⁴⁷..., adia para melhor ocasião a argumentação sobre um aspecto ou uma tese que pode ser de mais difícil aceitação⁴⁸..., alude, sem o tratar por não o achar pertinente ou adequado o momento, a algum ponto de uma matéria que vem expondo⁴⁹... – quer no próprio «estilo» – «disse»..., «dissemos atraz»..., «assi digo»..., «verdade seja»..., «per consequencia»⁵⁰....

Entrando na matéria, começa, de acordo com o método expositivo a que

⁴² É possível que este seja o mesmo «lavrador rico muy amigo dos pobres», ao parecer conhecido do autor, que aponta como exemplo de quanto a esmola rende em bens espirituais nesta vida (PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia*... Ed. cit., p. 120r).

⁴³ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia*... Ed. cit., p. 93v-94r, 93v-94r.

⁴⁴ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia*... Ed. cit., p. 127v-127r.

⁴⁵ Parece, assim, facilmente compreensível que *Excellencias da misericordia e fructos da esmola* tenha resultado, já pela cópia de informação, já pela formação do seu autor num complexo e cerzido esmaltado de textos que não parece haver mais remédio que tê-los em consideração – resumindo-os..., citando-os..., glosando-os...

⁴⁶ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia*... Ed. cit., p. 93v-94r, 93v-94r : «Este nome Misericordia (segundo S. Agostinho, S. Gregorio papa, S. Chrysostomo, S. Thomas, e outros que desta matéria tratão) significa hum affecto compassivo da miséria alheia...», «Não há duvida em que a esmola hora he de conselho, hora de preceito. O preceito da esmola he natural e divino e de sua natureza obriga a pecado...», «Os theologos distiguem tres graos de necessidade. A primeira se chama necessidade commua a qual se acha nos pobres ordinarios...».

⁴⁷ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia*... Ed. cit., p. 6r-6v, 65r, 79r: «Tres modos, ou espécies de bem assignão os Philosophos, a saber: honesto, util e deleitoso, da qual divisão falla tãobem S. Ambrosio no seu livro de officijs cap.9. [...] Dos dois ultimos tratarei ao diante quando tratar dos proveitos, assi temporais, como espirituais que esta virtude nos rende. Aqui só tratarei de sua dignidade que responde ao bem honesto...», «No segundo capitulo deste livro reduzimos a tres classes os bens que hum pode alcançar pela misericordia. Tratamos ali do bem honesto [...] porem como a vontade humana he difficulosa de render só com se lhe propor o bem honesto, he tempo de começarmos a dizer do útil e deleitoso...», «Visto temos no capitulo passado [XI] muito do que pertence á materia deste, argumentando per locum a contrariis. Comecemos por aquelle lugar dos Proverbios...».

⁴⁸ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia*... Ed. cit., p. 87v: «Os argumentos e replicas que podem os escassos fazer contra o que fica dito [sobre «como os avarentos são castigados nesta vida»], soltaremos no fim deste livro».

⁴⁹ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia*... Ed. cit., p. 2r, 7r, 23r: «Hum e outro [dos «actos primarios da misericordia»] se pode entender no appetite sensitivo per modo de paixão, e na vontade racional per modo de acto simples. Qual destes actos seja o primeiro, não tenho aqui para que averiguar, por fugir especulações...», «esta he a doutrina deste santo Doutor [S. Tomás], a qual não carece de difficuldades, que não são para este lugar...», «O mesmo [sobre a esmola que se dá ao pobre que se injuria] se há de dizer de outras circunstancias que aqui não ponho».

⁵⁰ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia*... Ed. cit., p.20r-21r, 117v, et passim.

já aludimos, por definir a Misericórdia em si mesma⁵¹ – a sua «dignidade» própria⁵² – e na sua relação — e não identificação – com a Caridade⁵³ e com outras virtudes⁵⁴ e compendiada nas catorze – sete corporais e outras tantas espirituais – «obras de misericórdia»⁵⁵. Só depois desta que poderia dizer-se introdução, se ocupa da esmola como realização, por preceito ou por conselho, da misericórdia. Procuraremos aqui, sem seguir a sua exposição capítulo por capítulo, tentar ver como Fr. Luís foi respondendo às diferentes questões – quem deve dar..., a quem se dá..., quando..., quanto..., como... – que se punham – ou se põem? – em torno à prática da esmola que há que entender, como resulta dos seus *exempla*, quer em dinheiro quer, especialmente para os casos «antigos», em bens e, sobretudo, em pão, seja este fabricado ou simples cereal, quer ainda «emprestar», pois, «em fim em alguns casos basta emprestar»⁵⁶.

Para todos os cristãos existe, bem sublinhado pelas Escrituras (*S. Mateus, 25...*, *Ecclesiasticus, 4...*, *S. Lucas...*), pelos Padres (Santo Ambrósio, *Lib. de Nabucadonosor*, cap. 12..., São Gregório Nazianzeno, *Oratio de pauperum amore...*, São Basílio («em hum sermão que fez sobre aquellas palavras do rico que refere S. Lucas [12]: *Destruam horrea mea*»), e por teólogos como Santo

⁵¹ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia...* Ed. cit., p. 1r: «Este nome Misericordia (segundo S. Agostinho, S. Gregorio Papa, S. Crisostomo, S. Thomas e todos os que desta matéria tratão) significa hum affecto compassivo da miseria alhea. Compoem-se do nome Miseria e do nome Cor, que quer dizer coração, porque o misericordioso traz no seu coração atravessadas as miserias alheas...».

⁵² PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia...* Ed. cit., p. 6r- 17v: «Da dignidade, e excellencia da virtude da Misericordia. [...] O certo he que não fallando nas virtudes theologais, nem das virtudes que chamamos de Religião, nem na penitencia, a Misericordia he a mais nobre que todas as demais...».

⁵³ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia...* Ed. cit., p. 7r-7v, 11r: «Alguns não fazem differença entre a charidade e a Misericordia, mas não tem razão, porque tem as duas virtudes motivos diferentes, por onde se distinguem. A Charidade respeita o proximo debaixo da razão de amizade sobrenatural e em quanto bom lhe comunica bens por hum acto seu immediato, que he a beneficencia; mas à Misericordia respeita o mesmo proximo em quanto miserável e de algũa maneira quasi indigno de benevolencia onde se acha especial difficuldade, que pella virtude da Misericordia he vencida» [...] A mesma dependência poderamos ir mostrando em as demais virtudes; porem bastara por exemplo na Charidade, que é a maior de todas. E visto como esta não pode estar sem a companhia da misericordia, que della nasce como rio de sua fonte, ficará tudo o mais bastantemente provado. Diz pois S. João...».

⁵⁴ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia...* Ed. cit., p. 7v-9v: «O que muito realça esta virtude he a dependencia que as outras virtudes tem della para serem aceitas a Deos. Isto mostra em parte S. Pedro Chrysologo. [...] Não só o jejum, mas todas as demais penitencias que podemos fazer são de pouca valia diante de Deos se não forem acompanhadas com a Misericordia [...] Que mayor virtude entre todas as morais, que a religiam com que honramos a Deos e lhe damos o culto devido? E com tudo isto quando não vay acompanhada com a Misericordia não põe o Senhor nella seus olhos...».

⁵⁵ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia...* Ed. cit., p. 2v-4r, e, quase a fechar a obra, p. 164r-174r, em que discorre «sobre as obras de misericórdia em particular», em que se destaca, em capítulo autónomo (XXXI), a hospitalidade, baseado, fundamentalmente, em *exempla* colhidos, antes de mais, nas vidas de Fr. Bartolomeu dos Mártires e de Santo Domingos, não sabendo como e onde poderá ter lido, mas, com certeza, indirectamente, a vida de S. Domingos de Teodoricus de Apolda (*Libellus de vita et miraculis Sancti Dominici*) que aí cita, pois esta, ao parecer, era, até há pouco, apenas acessível em uma copia setecentista (CANETTI, Luigi – *L'Invenzione della memoria. Il culto e l'immagine di Domenico nella storia dei primi Frati Domenicani*. Spoleto: CISAM, 1996, p. 3).

⁵⁶ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia...* Ed. cit., p. 21v.

Tomás «na 2. 2. q.32. art. 5», o «Mestre das Sentenças» 4.dist. 15 e 16 e 41), e ainda pelos canonistas («no decreto 45 dist. Can. *ei qui* e can. *Propria* e nos seguintes. Item na distinção 86 can. *Non satis* e nos seguintes») ⁵⁷, o preceito da esmola – ou, se preferirmos, a esmola como preceito, isto é, como obrigação – derivada do «preceito natural e divino que temos de amar ao próximo», pois «ao próximo pertence que não somente lhe queiramos bem, mas também lhe façamos bem» ⁵⁸. Deste modo, os próprios pobres – como refere para o caso limite dos escravos ⁵⁹ – podem ter que, em certas circunstâncias que não achou oportuno especificar aqui, socorrer o próximo, pois, como explicita o autor, todos os cristãos têm por obrigação a Caridade e a Misericórdia. Bem vistas as coisas desde uma perspectiva da economia da Encarnação – «hum dos fins para que [Cristo] se fez homem foi poder compadecer-se quero dizer, ser capaz daquelles dous actos [que tem] a Misericórdia ⁶⁰ [...] Quis assemelhar-se em tudo aos homens para que se fizesse misericordioso, a saber por hum novo modo tomando a compaixão e tristeza que antes [enquanto Deus] não tinha, da qual são boas testemunhas as lagrimas que derramava vendo nossas miserias...» ⁶¹ –, a Misericórdia é um dos eixos de uma imitação de Cristo erguida sobre a «semelhança» que Cristo, por sua vez, quis ter com o homem enquanto ser capaz de compadecer-se.

Estabelecida assim a universalidade da obrigação da esmola e aventada alguma coordenada que a possa consagrar como uma forma de espiritualidade, Fr. Luís tenta determinar casos e circunstâncias em que, ao nível da prática nas suas circunstâncias, essa universalidade não se impõe ou pode ver-se limitada, quer dizer, demora-se «no modo que se deve entender». Antes, porém, sublinha uma vez mais, remetendo aqui a uma epístola de São João (3. 17), a obrigação de socorrer o próximo que tem todo aquele que, possuindo bens desta vida, o vê em necessidade e como, caso lhe não acuda, não pode «ser que o tal tenha amor de Deos» ⁶², glosa por onde, cremos, se diria perpassa a conhecida doutrina do *si non pavisti, occidisti* ⁶³ que, desde Santo Ambrósio, foi passando do indivíduo

⁵⁷ Fazendo-o aqui em jeito de amostragem do que dissemos sobre o seu esforço de precisão, só em ocasiões que o justifiquem plenamente, voltaremos a dar tão pormenorizadamente as «autoridades» (autores e obras) alegadas e citadas por Fr. Luís da Apresentação.

⁵⁸ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericórdia...* Ed. cit., p. 17r-18r.

⁵⁹ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericórdia...* Ed. cit., p. 20 v e «Índice das cousas notáveis deste livro»: «Escravos como podem dar esmola» (s.p.).

⁶⁰ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericórdia...* Ed. cit., p. 2r: «Dous actos primarios, e principais tem esta virtude. O primeiro he [a] compaixão, tristeza, ou displicencia da miseria alheia; o segundo, a vontade de a remediar».

⁶¹ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericórdia...* Ed. cit., p. 4v-5r.

⁶² PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericórdia...* Ed. cit., p. 18r.

⁶³ DEPAUW, Jacques – *Spiritualité et pauvreté à Paris au XVIème siècle*. Ed. cit., p. 154; 188. CALVO, Fr. Pedro OP. – *Homilia I da quarta domingo da Quaresma*. In *Segunda parte das homilias da Quaresma*. Lisboa: Mattheus Pinheiro, 1629, p. 141, aborda precisamente este ponto: «*Rede debitum tuum*, torna e paga ao pobre a dívida

ao Estado. E, por isso, compreende-se que dessa obrigação de socorro – esmola material ou espiritual – não venha excluído seja que próximo for – infieis ou mesmo «o meu proprio inimigo» –, ainda que haja que ponderar, para além do «tempo da necessidade», o grau da mesma necessidade para poder acercarse, como veremos, com as consequências inerentes, a uma classificação, que muitas vezes conduzia a uma qualificação, dos pobres. Por outro lado, quase como outra face dessa obrigação de socorro, Fr. Luís defende, ultrapassando uma cerrada casuística desafiando os diferentes graus de exigência de socorro e a correspondente gravidade da falta de esmola⁶⁴, que em caso de necessidade extrema nem os «filhos famílias» nem os escravos, nem os religiosos, nem as mulheres casadas – e com matizes importantes no caso das mulheres nobres⁶⁵ – estão isentos dessa obrigação e dela não podem ser impedidos pelos «seus mayores»⁶⁶. Sendo que *de conselho* a esmola apenas atinge «a necessidade cômua, a qual se acha nos pobres ordinarios», fica assim aberto o caminho ao exame da esmola como obrigação (*de preceito*) por parte quer das «pessoas ecclesiasticas que teem beneficios grossos» quer das «pessoas seculares que tem bens superfluos à decencia de seu estado». Se aqueles, como aconselham já os Padres da Igreja e ordenam os cânones eclesiásticos – uma tradição esplendidamente estudada por R. M. Pérez García⁶⁷ –, no caso de possuírem «beneficios grossos», «tem obrigação de distribuir em esmolas, e pias obras tudo o que lhe for sobejo de sua congrua sustentação», sendo que, discussões casuísticas à parte, «peccão mortalmente os tais ecclesiasticos que deixão de gastar em esmolas e obras pias todo o superfluo das rendas de seus beneficios, gastando-o em usos profanos, ou em enriquecer parentes com o patrimonio dos pobres, que assi lhe chama o direito»⁶⁸, tema que, ao parecer, algum pregador se atrevia a recordar, com malícia, no púlpito⁶⁹. Pontos de vista que confirmaria, se tais eclesiásticos o

que lhe tens. E he esta doutrina tão recebida dos padres sanctos, que Hieronymo, Basilio, Ambrosio, recebidos no direito canonico, chegão a chamar ladrões, e matadores aos ricos, que no tempo da necessidade quando corre preceito, não dão aos pobres o que nestes casos lhe he devido. As palavras de S. Hieronymo são: *Aliena rapere convincitur qui ultra necessaria sibi retinere probatur*. E S. Ambrosio: *Si non pavisti, occidisti*, se não sustentaste, mataste. Entendem os sanctos no tempo da necessidade, porque então quanto ao que toca ao preceito da caridade, o mesmo he, não dar, que furtar e matar...».

⁶⁴PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia...* Ed. cit., p. 18v-22r; DEPAUW, Jacques – *Spiritualité et pauvreté à Paris au XVème siècle*. Ed. cit., p. 188-190.

⁶⁵PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia...* Ed. cit., p. 21v: «Nas molheres casadas ha isto mais: que não lhe podem prohibir os maridos o dar esmola, segundo o costume das outras suas iguais na nobreza, e no estado».

⁶⁶PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia...* Ed. cit., p. 21v.

⁶⁷PÉREZ GARCÍA, Rafael M. – “*Penuria pauperum clamat*”. *Discursos letrados sobre los bienes eclesiásticos (siglos XII-XVI): Doctrinas ideales y realidades típicas*. «Historia y Genealogía», nº 4 (2014), p. 91-131.

⁶⁸PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia...* Ed. cit., p. 19r-19v.

⁶⁹PINEDO, Luis de – *Libro de chistes*. In *Salas españolas o agudezas del ingenio nacional (Primera serie)* recogidas por PAZ Y MELIA, A. Madrid: Imprenta y Fundación de M. Tello, 1890, p. 275: «Día de San Pedro, en Valladolid, predicaba un descalzo en la parroquia de San Pedro, en el cual sermon se hallaron muchos prelados, y entre

consultassem como deviam, Luís de Molina no *Tractatus de Justitia [et Iure]* onde assinala que «por experiencia consta terem maos fins todas as casas, e morgados, que em bens ecclesiasticos tiverão seus principios»⁷⁰, e toda uma longa série de «exemplos» de «esmoleres do estado ecclesiastico». Se os primeiros podiam ser exemplificados com aquele avarento Hato, arcebispo de Mogúncia, que «não tinha cuidado algum de remedear as necessidades dos pobres, antes os oprimia e maltratava»⁷¹, os segundos podiam rever-se em casos de grandes esmoleres a começar pelo próprio Cristo – «todo o tempo de sua vida conversou com pobres, entre pobres naceo, com elles tratava, com elles comia» – e chegando a, entre outros menos conhecidos, São Martinho, bispo de Tours, São Paulino de Nola, São Luís, religioso franciscano, filho do rei de Nápoles, São Carlos Borromeo e, como não?, Fr. Bartolomeu dos Mártires, passando – e é o segundo exemplo da série – pela Virgem Maria «que como mãe de misericórdia teve tambem grande cuidado com os pobres, como quem tinha exemplo de sua mãy Sancta Ana» e de «quem dizem muitos autores que do ouro que os Reys Magos offercerão no presepio a seu bendito Filho sendo minino de tres dias deu a mayor parte a pobres e [que] quando desta vida partio para o Ceo, a pobres deixou os seus vestidos»⁷².

Quanto aos segundos – recordemos: «pessoas seculares que tem bens superfluos à decencia de seu estado» –, depois de uma esquemática reflexão sobre a complicada variedade das situações que podem a matizar obrigação que os tais têm de dar esmola em todos os casos de necessidade – da extrema à comum ⁷³ –, recomenda que, sobre a sua situação concreta na vida – decência de estado... , «os casos e necessidades que moralmente lhe podem acontecer»... , o número de filhos... e «a obrigação que tem de os pôr em estado»... , etc. –, falem «com homens pios, e doutos, e lhe dem informação sobre seus bens, para que lhe declarem a obrigação que teem»⁷⁴. A este propósito, Fr. Luís recorda-se – poderemos até suspeitar, sem violência, que se trate de uma discreta referência autobiográfica – que «assi o fez poucos tempos ha hum certo homem casado mui temente a Deos. Fallou com um religioso, de quem fiava sua consciencia, e pidio-lhe lhe dissesse que quantidade de esmola lhe parecia que podia dar ou cada dia

ellos el cardenal de Loaysa [1530-1546]; y como su costumbre en todos los sermones era reprehender, aquel dia da tras los prelados, cuán túbios estaban en el dar de las limosnas, y cuán poco bien hacían á los pobres y necesitados, para cuyo fin fueron criadas sus rentas; y volviendo al Cardenal, dice: – Por cierto, esto no se dirá por su señoría, que todo cuanto tiene dá; y si supiédeses á quién? Á Fr. Vicente, que se lo guardo».

⁷⁰ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericórdia*... Ed. cit., p. 19v.

⁷¹ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericórdia*... Ed. cit., p. 94r-94v.

⁷² PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericórdia*... Ed. cit., p.36v-46r: «Cap. VI. Em que se contém alguns exemplos de santos e varões illustres do estado ecclesiastico mui amigos dos pobres».

⁷³ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericórdia*... Ed. cit., p. 19v-20v.

⁷⁴ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericórdia*... Ed. cit., p. 20r.

ou cada anno, para que não faltasse nesta parte a obrigação de christão, e de quem se queria salvar»⁷⁵, caso histórico – não se tratará bem de um *exemplum*⁷⁶ – que nos propõe um modo de direcção espiritual situando-se, ainda nestes dias, entre a resolução de casos de consciência e a perfeição interior⁷⁷. Dentro deste campo semântico das correlações – sempre a matizar – da esmola com as circunstâncias familiares de cada qual – incluindo, como acabámos de ver, a «decência» relativa ao seu estatuto social e ainda a mediocridade dos seus «bens superfluos»⁷⁸ –, Fr. Luís, ao discorrer sobre a determinação da quantidade da esmola que, ponderadas as respectivas circunstâncias, um pai de família deve dar, aborda um elemento dessas mesmas circunstâncias – o número de filhos a alimentar e a educar – que muitos, com um toque de avareza, utilizam como argumento para negar ou dificultar a esmola⁷⁹. E assim os casados cujos bens supérfluos não são muito consideráveis – digamo-los «mediócras», pois «não tem tanto» como um bispo e outras pessoas eclesiásticas nem como os «seculares que tem tãobem bens superfluos a seu estado»⁸⁰ – o frade carmelita, como Fr. Luís de Granada em *Libro de la oración y consideración* (III, 2, § 11)⁸¹, remete para «hũa regra a [seu] ver muito de notar» que dá Santo Agostinho: «Faça o tal conta [...] que se não tem filhos, os pobres são seus filhos. Se tem um filho, gaste com o pobre o que ouvera de gastar se tivesse dous filhos. Se tem dous, faça de conta que tem tres, e assi nos numeros seguintes»⁸². Uma regra e uma «contabilidade» progressiva que Fr. Luís da Apresentação, a julgar pelas duas vezes que a cita, teve em muita consideração, mas da qual, a ter em conta os exemplos «de pessoas seculares de varios estados [mui amigas dos pobres]» que juntou (Cap. VIII), não terá conhecido pessoalmente ou por tradição literária qualquer caso, o que

⁷⁵ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia...* Ed. cit., p. 21r.

⁷⁶ PIRES, Maria Lucília Gonçalves – *Para uma leitura intertextual de «Exercícios Espirituais» do Padre Manuel Bernardes*. Lisboa: INIC, 1980, no seu capítulo IV, «A paráfrase dos *exempla* em Exercícios Espirituais», p.181-220, continua a oferecer as melhores páginas sobre o tema e os seus limites.

⁷⁷ A proposta orientativa de Fr. Luís parece-nos próxima dos «Consigli per il “bene vivere” e formazione della coscienza» no âmbito dos quais PAOLI, Maria Pia, *Antonino da Firenze, O.P. e la direzione dei laici*. In FILORAMO, Giovanni (ed.) – *Storia della direzione spirituale – III – L'Età moderna* (a cura di ZARRI, Gabriella). Brescia: Editrice Morcelliana, 2008, p. 85-130, examina a direcção espiritual de Santo Antonino de Florença.

⁷⁸ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia...* Ed. cit., p. 31r: «... tratamos tãobem dos seculares que tem tambem bens superfluos a seu estado. Porem para os casados que não tem tanto...».

⁷⁹ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia...* Ed. cit., p. 162r: «la fica respondido em outra parte a replica dos que alegão a sustentação de seus filhos para deixar de dar esmolla com a doutrina de Santo Agostinho que aconselhava como se devem os pobres meter no numero de filhos...».

⁸⁰ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia...* Ed. cit., p. 31r.

⁸¹ GRANADA, Luís de – *Obras*. Vol. II. Madrid: B.A.E., 1945, p. 199. Em apêndice tentaremos apresentar os lugares em que Fr. Luís da Apresentação poderá depender dessa magna obra de Fr. Luís de Granada.

⁸² PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia...* Ed. cit., p. 31r. O frade carmelita parece citar o *Sermo 2 de vita clericorum*, mas logo a seguir copia uma passagem do *Liber de decem chordis*, igualmente referido por Fr. Luís de Granada que, de certo modo, se relaciona intimamente com o de esse sermão: «*Unum habes filium? Christum alterum puta .Duos habes? Puta Christum tertium. Decem habes? Undecimum Christum facito.*».

talvez indicie que só muito raramente deverá ter sido seguida nesse nível social ao qual a propõe o carmelita. Se é que alguma vez passou de um nobre ideal. O vagamente mais próximo dessa regra é dado nada mais que por Santa Paula que «despia seus filhos para dar aos pobres» e dos outros antigos e dos modernos que nesse capítulo apresenta nenhum documenta a prática de tal regra.

Outra dimensão – ou outra face – da mesma questão que já ficou vagamente aludida respeita às circunstâncias em que a mulher casada nobre deve ter capacidade legal – e autonomia – para dar esmolas. Como, efectivamente, já referimos, «nas molheres casadas ha isto mais: que não lhe podem prohibir os maridos o dar esmola, segundo o costume das outras suas iguais na nobreza e no estado». É esta uma tese de Fr. Luís, pois «ainda que não tenham as tais administração dos bens, que não forem paraphernais, com tudo, como se lhes deve a sustentação congruente a suas pessoas, e estado, [tem] por muy provavel que pertence a congrua sustentação o poderem fazer esmolas, segundo as fazem as outras da sua igualha dentro dos limites da prudencia». Não nos interesse emaranharmo-nos nas malhas do Direito e da Teologia Moral para discutir a tese de Luís da Apresentação – curiosamente um aspecto que a vária tratadística sobre o casamento nos séculos XVI e XVII, a peninsular pelo menos, parece ter esquecido⁸³ –, mas anotemos que, segundo se poderia deduzir, «do contrário se seguirá serem as tais mais escravas de seus maridos avarentos, que molheres e esposas», dedução que um Fr. Luís de León (*La perfecta casada*, 1582), um Paiva de Andrade (*Casamento Perfeito*, 1630) e um D. Francisco Manuel (*Carta de Guia de Casados*, 1651), que, se mal não relemos, nada dizem sobre o assunto, subscreveriam, contorcendo-se, um pouco, talvez, ao tratar das «hacendosas» e das «gastadoras» cujas actividades e despesas no «governo da casa» os maridos deviam vigiar... De qualquer modo, mesmo os «esclarecimentos» que, como para sossego dos maridos e aviso das casadas, se seguem – «quando os maridos lhe prohibem dar esmolla, não he precisamente mandar-lhes que a não dem, nos casos necessarios, pois não he honra sua. Mas somente querem por-lhe freo para que não sejam prodigas» – não fecham, mesmo com a precisão relativa aos «casos necessarios», isto é, «de preceito», que obrigam sob pecado mortal ou, quando menos, venial grave⁸⁴, essa pequena fresta de autonomia da mulher casada, seguramente não de tão alto relevo social como aquela a quem dedica

⁸³ FERNANDES, Maria de Lurdes Correia – *Espelbos, cartas e guias. Casamento e espiritualidade na Península Ibérica –1450-1700*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1995, imponente e imprescindível *Vademecum* que nos permite constatar tal esquecimento.

⁸⁴ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia...* Ed. cit., p. 18v-19r. Curiosamente, tal como estão narrados, dos *exempla* propostos para ilustrar quanto os santos, muitos eclesiásticos e religiosos e muitas «pessoas seculares» foram muito amigas dos pobres não nos parece que haja um único que se possa enquadrar no cumprimento da necessidade extrema que, independentemente da obrigação inerente à sua função ou cargo, obrigue a pecado mortal ou, pelo menos, venial grave.

a obra, que lhe abria um carmelita no primeiro quartel de Seiscentos. Cremos, com o seu defensor, qualquer tenha sido a aceitação da tese, que, no contexto cultural dos seus dias, «a resolução que [põe] he muyto de notar».

Curiosamente, tal como um Domingo Soto, Fr. Luís da Apresentação não define o que se pode entender por pobre e, conseqüentemente, por pobreza. Não há que esperar encontrar nestes autores, mais preocupados com a liberdade dos pobres em pedir e o dever de os socorrer sem procurar «examiná-los», entendamos aqui, defini-los, uma definição como a que nos dá Jean-Pierre Camus, seu contemporâneo, no *Traité de la pauvreté évangélique* (Besançon, 1634): «...celui seul est vraiment pauvre qui n'a d'autre moyen de vivre que son travail ou industrie soit d'esprit soit de corps»⁸⁵. Sem se deter no caso dos «pobres» por renúncia ao amor desordenado à riqueza que, a modos do outro Luís, seu contemporâneo, autor da ode *La vida retirada*, assinala Fr. Luís de Granada⁸⁶, Apresentação ocupa-se, mais escolasticamente, em precisar os graus da necessidade manifestada por quem pede esmola – «a duvida está na quantidade ou grau da [...] necessidade» – para determinar, como já aludimos, o correspondente grau de obrigação desse socorro por parte de quem tem bens e, sobretudo, bens supérfluos. «Os theologos» – sintetiza o autor de *Excellencias da misericórdia e fructos da esmolla* – distinguem «tres graos de necessidade. A primeira se chama necessidade cõmuu, a qual se acha nos pobres ordinarios. A segunda se chama grave he quando hum homem de tal modo tem necessidade, que sem grande detrimento de honra, ou da saude, ou da fazenda, não pode passar sem ajuda e auxilio alheo. A terceira necessidade a que chamam extrema, he quando se dá evidente perigo de morte, ou de mutilação de algum membro, ou perigo de cair em perpetua doudice, a qual necessidade extrema concorre tambem na fama e na honra, cuja conservação depende às vezes do favor alheo. E assi concorre também aqui o preceito da esmola, e com mais razão, porque mais estimão os homens de bem a honra e a fama do que a propria vida»⁸⁷. Como será fácil deduzir, depois do que temos vindo a dizer sobre a obrigação de dar esmola

⁸⁵ Citado por DEPAUW, Jacques – *Spiritualité et pauvreté à Paris au XVème siècle*. Ed. cit., p. 67. Conf. Id., p. 65.

⁸⁶ GRANADA, Fr. Luis de – *Adiciones al Memorial de la Vida Cristiana*, IV, § 1 in *Obras*, II. Ed. cit., p. 430: «Para esto le ayudará la virtud de la pobreza evangélica, que es la primera de las ocho bienaventuranzas de Cristo, a la cual pertenece no solo el desprecio voluntario de todas las riquezas del mundo (como lo tuvo San Gregorio en medio de tantas riquezas), sino tambien el amor e imitación de la desnudez y pobreza de Cristo. Por el cual debe el hombre escoger todas las cosas que se requieren al uso de la vida, viles y pobres: pobre casa y pobre cama, pobre mesa, pobre vestidura y pobres alhajas, y finalmente todo lo demás sea tal que traiga consigo olor de pobreza; guardando con todo eso la decencia del estado de la persona...». Desde esta perspectiva, será sempre de ter em conta o *Libro contra la ambición y codicia desordenada de aqueste tiempo: llamado alabanza de la pobreza de Bernardino de Riberol* (Sevilla: Martin de Montesdoca, 1556) que, depois da edição *facsimile*, feita a partir do exemplar incompleto da Biblioteca Nacional de Lisboa, publicada por MILLARES CARLO, A. (Mancomunidade de Cabildos de Las Palmas, 1980), conta agora com uma edição do texto completo levada a cabo e anotada por PAZ-SÁNCHEZ, Manuel (Las Palmas: Gobierno de Canarias, 2006).

⁸⁷ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericórdia...* Ed. cit., p. 18v.

– principalmente sob pena de pecado mortal –, apenas no caso dos pobres de necessidade comum – aqueles que, mais numerosos, vagueiam pelas ruas..., estão, quando não entram, às portas das igrejas..., fazem fila para a esmola à entrada dos conventos..., não têm, muitas vezes, casa ou poiso certo..., etc. – a esmola é «de conselho», quer dizer, não há obrigação («preceito») de os socorrer, e assim, geralmente falando, o não lhes dar esmola não conleva, para aqueles que teriam meios para o fazer – «bens superfluos à decencia de seu estado» –, pecado mortal «por razão da pouquidade da materia». No entanto, precisa Fr. Luís da Apresentação, «o não acodirem nunca os tais que tem bens superfluos às necessidades cômuas, he matéria grave, pois todas essas necessidades que ha nos pobres da Republica fazem hum aggregado de misérias, às quais não pode deixar de se socorrer sem grave lesão da Charidade e da Misericórdia»⁸⁸. A falta de socorro nos outros casos – graus de pobreza, com especial nota final, segundo cremos, aos conhecidos por «pobres envergonhados» – envolve sempre pecado, ainda que os moralistas discutam o grau da gravidade do pecado, «variedade de opiniões» que Fr. Luís resume sem as querer disputar⁸⁹. O que tem por indiscutível, como já vimos, é que os que têm grossas rendas eclesiásticas e, como acabamos de rever, os seculares que possuem «bens superfluos à decencia de seu estado» têm solene obrigação de socorrer o próximo necessitado sob pena de incorrerem em pecado grave e, como mostram alguns *exempla*, sofrerem na sua vida – saúde..., fazenda..., nas circunstâncias da sua morte... – as consequências da sua «dureza com os pobres»⁹⁰.

Apesar do que já sobre o assunto adiantou ao «[explicar] o preceito da esmola», Fr. Luís da Apresentação, sempre mais preocupado com o exame dos que podem e devem dar que com o exame dos pobres, retoma-o, por maior precisão, no capítulo dedicado à «quantidade e medida que se deve guardar no fazer da esmola». De novo, os teólogos, com Santo Tomás em destaque (2. 2. *quaest. 33. art. 10*), lhe fazem ver que ao cumprir o preceito de dar tem, antes de mais, de considerar-se «a necessidade que padece o pobre, e juntamente a possibilidade de quem dá a esmola», isto é, como lembravam Santo Ambrósio e São Paulo citados por Santo Tomás, deve-se tanto olhar «muito a idade, a fraqueza, a qualidade e a nobreza do que pede» como ter presente que «os fracos [...] se derão muito podem depois padecer tentação faltando-lhe o que derão»⁹¹. Daqui que Fr. Luís de Mértola, mais do que continuar a examinar teoricamente a questão, desça a uma série de conselhos práticos que mais não

⁸⁸ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericórdia...* Ed. cit., p. 18v-20v.

⁸⁹ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericórdia...* Ed. cit., p. 19r.

⁹⁰ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericórdia...* Ed. cit., p. 94v- 98 (Cap. XVI: «Referem-se exemplos, de como os avarentos são castigados na vida que Deos lhes tira»).

⁹¹ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericórdia...* Ed. cit., p. 28r-29r.

são que sugestões sobre modos de «dar com liberalidade dentro dos limites que temos dito» acima⁹². Em primeiro lugar, seguindo S. João Crisóstomo (*Hom. 19 in epist. 1 ad Cor.*) «sobre aquelle verso do psalmista: *Dispersit, dedit pauperibus. Cum dicit, dispersit, nihil aliud manifestat quamquod cum liberalitate dedit...*», isto é, «o varão verdadeiramente misericordioso não somente [dá], mas [espalha] a esmola» liberalmente, o que, neste caso, contas feitas, significa, como comenta Caetano, que «he melhor dar a muitos pobres seu pouco a cada hum, que tudo a hum so». E um pouco mais, como ensina o salmista – *Ego autem sicut oliva frutifera in domo Dei* – comentado, com matiz importante, pelo mesmo santo (*Hom. 32 in epist. ad Hebr.*): «He necessario não nos contentarmos com ser oliveiras somente dando esmola algũas vezes no anno, mas devemos ser oliveiras ferteis, rendosas e carregadas de novidade». À frequência da esmola – frequente e abundante –, junta o mesmo Padre da Igreja (*Hom. 19, in epist. ad Cor.*) um conselho sobre o quanto dar que, curiosamente, ainda poderia ser válido para muitos dos contemporâneos de Fr. Luís que os mantinham e com eles, tantas vezes, se retratavam: «Quereis saber a medida que deveis guardar nesta parte? Considerai os filhos deste mundo, os que tem a vossa mesma possibilidade, o que gastão em chocarreiros, com molheres, e noutros usos pouco honestos, e dahi, dos filhos do mundo, e dos escravos do demonio tomai a regra de como vos aveis de aver»⁹³. Compreende-se que quem «gasta em comer e beber» – Fr. Luís está a glosar *3Reg. 17* – não possa alegar pobreza na hora de dar. E, como Fr. Luís de Granada, o carmelita português, continuando com o texto bíblico citado, discorre pelo exemplo da pobre viúva que «sostentou a Helias, tendo tão pouco que não tinha mais que hum punhado de farinha, e no fundo de hum vaso hum pouco de azeite, e com tudo não alegou pobreza para remedear a necessidade do Profeta que padecia»⁹⁴. É o momento de Luís da Apresentação, depois de retomar mais rapidamente o que já dissera sobre o quanto e o como devem dar os eclesiásticos que têm «benefícios grossos» e os «seculares com bens superfluos à decencia de seu estado», precisar, recorrendo uma vez mais a Santo Agostinho (*Ser. 62 de tempore*) em seu comentário de Esaías – *Frangere esurienti panem tuum* (cap.67). *Non dixit ut integrum daret, cum forte pauper ille alium non haberet. Sed frange, hoc est: Etiam, sit tanta paupertas tibi est, ut non habeas nisi unum panemex ipso frange, et pauperi tribue* – , o que antes sugerira sobre a esmola dos próprios pobres: «Aqui ensina o santo» – glosa o P. Mértola – «a medida que devem ter os pobres em dar esmola, que em fim, nem por pobres he

⁹² PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia...* Ed. cit., p. 29r.

⁹³ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia...* Ed. cit., p. 30 r: «*Non vidis (inquit) quanta alii dant mimis et mulieribus scortis? Etsi dimidium Christo dederis quae illi saltantibus dant, et liberaliter his qui in fornicibus tanto tu vel esurienti*».

⁹⁴ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia...* Ed. cit., p. 30 r-30v.

bem que se escusem. Parti vosso pão, disse Esaías, com o necessitado e faminto. Não diz que o deis inteiro, porque podeis ser tão pobre que seja muito para vos dar pão inteiro»⁹⁵.

Continuando a sondar nos sermões do bispo de Hipona, o Padre Mértola apresenta ainda uma série de conselhos com que, recorrendo mesmo a pequenos truques que o facilitam, pretende tornar a esmola mais justa, quer dizer, adequada às posses de cada qual, mais frequente e até mais leve. A primeira «regra muito boa que nos dá o mesmo santo» é, tal como se procede para com o fisco do rei, «que devemos apartar certa quantidade ou das rendas de cada anno ou do trabalho de cada dia para dar aos pobres» para entregar na «bolsa de Christo [que] consta de esmolas». Deste modo – e agora vem, como virá nos outros casos, a lição espiritual –, «tanto que assentardes hũa vez comvosco de fazer deposito certo e determinado para os pobres, venceis de hum golpe a tentação de avareza, porque já fazeis de conta que aquelle deposito não he vosso senão dos pobres de Christo». E glosando um comportamento que, *sub specie rhetorica*, Santo Agostinho já amplificara – *Nec trepidet manus tua quando illam porrigis ad illud quod non debueras* –, o Padre Mértola conclui: «É assi quando vos pedem esmola, não vos treme a mão, nem ainda o coração, nem dais a medo, porque já não tendes aquillo por vosso»⁹⁶. O segundo conselho respeita à quantidade – questão que volta mais uma vez – desse «deposito». A décima parte dos rendimentos? Santo Agostinho aceitava que fosse uma décima, mas ia lembrando não só «que diz o Evangelho [*Luc. 16*] que o Phariseo dava a decima parte e que diz Christo que a nossa perfeição deve ser mayor que a dos Phariseos, se queremos entrar no Ceo», mas também que, infelizmente, há cristãos que não dão nem a milésima parte dos seus rendimentos. Inspirando-se largamente em outra fonte patrística – S. João Crisóstomo [*Homil. 43 in Epis 1 ad Corint.*] –, o Padre Apresentação, tentando oferecer uma sempre maior facilidade para a prática da esmola, aconselha: «Fazei conta [...] que vossa casa he igreja, pois vos a podeis fazer tal. Ponde nella o gazophilacio, que he a caixa em que se lanção esmolas, e desta maneira por vosso proprio voto ficais eleito em mordomo e guarda do thesouro sagrado dos pobres», não se esquecendo, como o Padre da Igreja que está a glosar, de assinalar que «a caixinha em que deitais as esmolas e fazeis o deposito dos pobres» – «defensivo contra o demonio e hum armazem de armas contra todo o inferno» – deve estar junto da cama e «perto do lugar em que fazeis oração em vossa casa, e todas as vezes que vos fordes encomendar a Deos lançai primeiro no deposito vossa esmola

⁹⁵ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia...* Ed. cit., p. 32r.

⁹⁶ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia...* Ed. cit., p. 32r-32v.

para que seja disposição para bem orar»⁹⁷. O Padre Mértola que parece ter apreciado a «doutrina» desta íntima relação a fazer entre a oração e a esmola – e naturalmente desejando que «o devoto leitor se aproveite della» –, já tinha explorado, sempre sob a égide de S. João Crisóstomo [*Homil. 67 ad populum*], um pouco antes ao aproveitar, glosando-a como sempre, um seu comentário do *Êxodo*, 6 – *Non apparebis vacuus coram Domino* –: «Diz [o santo] que a rezaõ de os pobres estarem às portas das igrejas foy para que ninguem entrasse sem dar esmola, e com as mãos vazias diante de Deos. Quem vay pedir misericordia a Deos, he necessario que primeiro a use com os proximos. Primeiro, diz, avemos de emprestar a Deos à porta do templo algia cousa e fazêlo como devedor nosso do que na casa de oração lhe peçamos merces»⁹⁸. Se conseguiu apresentar um exemplo de alguém – curiosamente apenas o de «uma donna mui illustre» casada, já acima referida desde outra perspectiva – que, aplicando-o em missas pelas almas do Purgatório, punha em prática esse último conselho, Fr. Luís, contudo, conhecia, pessoal ou literariamente, religiosos que, a seu modo e com as óbvias limitações decorrentes da sua vocação, com rigor o cumpriam. O carmelita calçado Fr. Estêvão da Purificação e um anónimo «servo de Deos religioso carmelita descalço» nunca se esqueciam apartar um pouco das suas refeições para os pobres sob a capa de o dar ou ao Menino Jesus ou ao Anjo da Guarda. E o próprio D. Fr. Bartolomeu dos Mártires não só fazia esta «partilha» do que comia, mas ainda – e é «o que mais espanta» – «até dos xaropes e purgas quando estava enfermo fazia as mesmas partilhas, e se lhas reprovavão, sentia-o e pedia que lhe buscassem algum doente a que servissem»⁹⁹. E nesta onda de propor modos de socorrer os pobres, o Padre Mértola, olhando agora não para os casos individuais, mas para uma entidade colectiva como é um convento ou mosteiro, alvitra mesmo que «os prelados locais permitissem sempre, que tudo o que das mesas sobeja se desse aos pobres», sugestão que aproveitaria quer aos pobres, quer aos religiosos, pois estes, com tal exemplo, «com mais gosto se mortificarião, e exercitarião não só a virtude da temperança, mas também a da charidade, e misericordia»¹⁰⁰. Solução que, ultrapassando a célebre – e tantas vezes ironizada – «sopa do convento», poderia permitir-nos ver em tamisada luz

⁹⁷ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia...* Ed. cit., p.33r-34r.

⁹⁸ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia...* Ed. cit., p. 10r. O texto citado e glosado é: «*Propterea pauperes ante fores positi sunt, ne quis vacuus ingrediatur. Si ut misericordiam consequaris intras prius miserere. Fac tibi Deum debitorem et tunc pete, mutua et tunc repete*».

⁹⁹ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia...* Ed. cit., p.34v-36r. O Padre Mértola, alterando um tanto a ordem por que os narra Fr. Luís de Sousa [*Vida do arcebispo...*, III, 24], segue de muito perto o texto original, ainda que, certamente pela conveniência de sublinhar quanto espantava o «grande amor e grande misericordia» assim manifestados pelo arcebispo, dê por certa a partilha dos xaropes e purgas que Fr. Luís de Sousa, prevenindo-o, só regista por fama...

¹⁰⁰ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia...* Ed. cit., p. 35r.

a crítica às mesas conventuais...

Poderá ainda referir-se a este propósito, se bem que o autor carmelita não o trate desde a perspectiva «da quantidade e medida das esmolas», mas, sim, como um dos argumentos dos avarentos, o que Fr. Luís pondera em torno da esmola como possível «ocasião de hum[=alguém] peccar» que, verdadeiramente, «não seria esmola, senão crueldade». E, talvez, porque «estes casos são raros», o Padre Mértola, sem descer a maiores considerações sobre a matéria como faz, com alguma demora, sob a égide de Santo Agostinho, Fr. Domingo de Soto¹⁰¹, ilustra-a com um exemplo que se conta de Santo Antonino: «Passando Santo Antoni[n]o, Arcebispo de Florença por hũa rua vio alguns anjos estar sobre o telhado de hũa casa. Entrou dentro para ver que gente ali morava, e achou hũa mãi com tres filhas muito pobres; entendendo ser gente de muita virtude deulhes esmola mui copiosa. Passados alguns dias, tornou a passar por ali, e vio no mesmo lugar onde estavam dantes os anjos, alguns demonios, entrou dentro de casa, e vio as moças com muita curiosidade enfeitadas, e com muita cor postiga em seu rosto, entendeo logo que a excessiva esmola, lhes fora ocasião de alguns peccados, e así propos de dar dali adiante com mais recato e prudencia»¹⁰². A ter em conta o trecho da *Deliberación en la causa de los pobres* que, resumindo-o um pouco, citamos em nota, Fr. Luís parece-nos um tanto menos radical que o Padre Soto na hora de dar esmola a quem não lhe dava bom destino. Apenas questão de linguagem em contextos culturais diferentes em que o referente à presença / ausência de polémica em torno ao exame dos pobres a pode ter condicionado?

De qualquer forma, o autor de *Excellencias da misericordia e fructos da esmolla* não se ocupa, mais ou menos miudamente, apenas de questões de «medida» do que se dá e do que se deve dar..., capacidade e legitimidade de dar..., do quando

¹⁰¹ SOTO, Domingo de – *Deliberación en la causa de los pobres* (Cap. X). Ed. cit., p. 90-91: «... dice alli el sabio [Eclesiastico, 12] que quando hiciéramos bien, catemos a quién, que hagamos bien al justo, como Dios que aborrece a los peccadores y ha misericordia de los arrepentidos y así nosotros demos al misericordioso y no recibamos al peccador, demos al bueno y no al malo. Y con todo esto, dice San Agustín, que no hemos de negar al Evangelio. Pues como se compadece lo que manda Jesucristo que amemos a los enemigos y hagamos bien a cuantos nos lo pidieren, y juntamente, como dice el sabio, hagamos bien al bueno y no al malo? Dice San Agustín, que todo se compadece si al peccador no le hagamos bien por respecto de su pecado ni para favorecerlo en el mal, sino para librarle de su necesidad. Y así la intención del Eclesiástico es que quando de la abundancia de las limosnas el pobre toma asa y favor para sus vicios, entonces es caridad quitarle la yesca de sus pasiones, dejándole de hacer limosna. [...] Empero en caso que no sea manifesto que al pobre hace gran daño las muchas limosnas, hemos de seguir outro documento del mismo San Agustín, en el libro de las cinco herejías, donde después de haber loado a Abraham y a Loth que, sin hacer diferencia, albergaban a todos los pobres, por lo cual merecieron recibir en sus casas los ángeles, dice: *Aprended aqui cristianos a abrir la puerta sin diferencia a todos los pobres, porque no os acontezca que aquel a quien negáreis la misericordia sea el mismo Dios*». Sobre este texto e os «problemas» que aí resolve o P. Soto, há que v. CAVILLAC, M. – *San Agustín en el gran debate sobre los pobres: 1545-1599 (de Domingo de Soto y Juan de Robles hasta Pérez de Herrera y Mateo Alemán*. In MESTRE ZARAGOZA, Marina; RABATÉ, Philippe (Ed.) – *Agustín en España (Siglos XVI y XVII): aspectos de Política, Historia y Cultura*. «Críticón», 118 (2013), p. 45-56 (47).

¹⁰² PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia...* Ed. cit., p. 160v.

e a quem se deve socorrer..., da esmola como conselho ou como preceito... Nem precisa será uma leitura muito atenta para verificar que ao longo da obra se vão dispondo recomendações sobre o modo de praticar a esmola para, como conclui Fr. Luís em uma larga glosa de S. João Crisóstomo [*Homil. 10 in Epist. I ad Cor.*], elevar essa prática a uma arte espiritual – «arte soberana» – «de modo que se se perguntasse a porta do alfaiate, quem mora aqui, se responderia bem: hum homem que faz vestido, e a porta do çapateiro se responderia: aqui mora hum official de sapatos e botas, assi também a porta do rico se diga: aqui mora hum official de esmolos, hum homem que tem por officio fazer bem a pobres»¹⁰³. Assim, a esmola deve ser feita com «amor e alegria», isto é, glosando, mais uma vez, João Crisóstomo, «que seja nossa misericórdia tam entranhavel, e tam unida com a alma, que mais pareça cousa natural que acquisita e vinda de fora» – quase se diria que Fr. Luís recorda, «a lo divino», o velho e difundido princípio que *ars est cellare artem...*¹⁰⁴ – e, deste modo, por meio de tal arte, «a misericórdia veste e orna a alma interiormente», o que, consagrando a assunção dessa virtude, significa – cremos se poderá dizê-lo sem violência – a superação dessa mesma arte. Sem tal veste e sem tal ornamento – sem essa união interior – a alma «aparecera quasi nua diante de Deos»¹⁰⁵.

É o amor que, enformando a vontade, supre «o que falta na quantidade» da esmola e por isso é esse mesmo amor e boa vontade, igualando, quanto a merecimentos, a esmola do pobre e a do rico, que deve ditar a palavra com que se a acompanha, pois – e aqui glosa Francisco de Ribera, SJ. – «não basta ser misericordioso com o coração e as obras, mas devemos ser tais tambem com as palavras»¹⁰⁶. O Padre Mértola que aqui apenas assinala quanto se opõem a esta «doutrina» «os que dizem palavras afrontosas ao pobre, ou pello menos mostradoras de pouco amor e de pouca humildade», já tinha dedicado alguma atenção àqueles que, antes ou ao dar a esmola, injuriam o pobre, circunstância que, pelo que ao modo de fazer a esmola respeita, causa «grande falta» no merecimento da obra. É como se alguém desse esmola – explica o Padre Apresentação – «injuriando primeiro ao pobre, e chamando-lhe vadio, ou outros nomes, que alguns costumão chamar»¹⁰⁷, nota esta final que tanto Fr. Luís de Granada naquele pequeno manual de confissão que pôs em *Memorial de la vida cristiana* (II, 2)¹⁰⁸ ao lembrar, entre as possíveis faltas que caem sob o pecado da

¹⁰³ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericórdia...* Ed. cit., p. 83r-83v; conf. p. 118r, onde recapitula, novamente sob a autoridade de S. João Crisóstomo, os «effeitos, e os ganhos» da «soberana arte» da esmola.

¹⁰⁴ D'ANGELO, Paolo – *Ars est cellare artem. Da Aristoteles a Duchamp*. Macerata: Quodlibet Studio, 2005, pode servir de inteligente guia sobre o tema.

¹⁰⁵ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericórdia...* Ed. cit., p. 57v-58v.

¹⁰⁶ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericórdia...* Ed. cit., p. 57v, 58v-59r, 60r.

¹⁰⁷ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericórdia...* Ed. cit., p. 22v-23r.

¹⁰⁸ GRANADA, Luis de – *Obras*. Ed. cit., II, p. 234.

«Acidia» – «Si se enfada con ellos [pobres], o murmura de ellos, o les da malas respuestas como importunado dellos, o hace burla dellos» –, como Ignacio de Loyola referindo uma experiência própria do seu tempo de mendigo – «Llegado a Alcalá [finais de Março de 1526?] empezó a mendigar y vivir de limosnas. Y después, de allí a diez o doce días que vivía desta manera, un clérigo, y otros que estaban con él, viéndole pedir limosna, se empezaron a reír dél, y decirle algunas injurias, como se suele hacer a estos que, siendo sanos, mendican»¹⁰⁹ –, referem como um dos abusos do tempo. Contudo, Luís da Apresentação, indo um pouco mais longe, propõe a vanglória – ou mesmo a hipocrisia – como explicação para muitos casos desse comportamento, pois, «demonstrando-o» com um exemplo sacado das *Vitae patrum* de um clérigo que procedia com «agastura» perante «hũa pobre molher» em tempo de fome, «parece-[lhe] vendo o vâglorioso, ou hipocrita que não pode grangear a honra que pretende, senão dando, e vendo por outra parte que lhe falta o que dá, porque não tem confiança em Deos de que lhe pagará tudo, forçadamente ha de romper em palavras agastadas...»¹¹⁰.

Para ser eficaz – e, consequentemente, ter maior merecimento ao olhos de Deus –, a esmola tem de ser feita com diligência e, se possível, como o insinua o exemplo de Abraão [Gen. 18, 1-8] comentado por Santo Ambrósio e por Orígenes ou as palavras de Santo Agostinho sobre o salmo 146 (*Beatus vir qui intelligit super egenum et pauperem*), antecipar-se ao pedido do pobre, já que, desse modo, generosamente, «entende mais do pobre do que elle se declara»¹¹¹. É uma perspectiva que, além da validade do princípio geral enunciado – hoje

¹⁰⁹ LOYOLA, Ignacio de – *Autobiografía* (c. VI), editada y anotada por DALMASES, Cándido de. In *Obras completas* (Edición manual). Madrid: BAC, 1963, p.119. A data que damos entre parêntesis da chegada de santo a Alcalá é a que alvitra C. de Dalmases em nota à passagem que citamos.

¹¹⁰ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericórdia...* Ed. cit., p. 154r-154v.

¹¹¹ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericórdia...* Ed. cit., p. 61r, 62r-62v; ressalvadas as diferenças de estilo, público destinatário, recepção e, se quisermos, até língua, etc., entre um pequeno e divulgativo tratado de moral, como as *Excellencias da misericórdia* e um sermão (*Consideraciones del lunes después del Domingo de Ramos*) de Fr. Alonso Cabrera, OP, talvez não deixará de ser curioso anotar, para o que puder valer, a distância entre o tratamento que o lente de Moral e o pregador dominicano dão à mesma passagem do *Genesis*. Escreve Fr. Luís (*Excellencias da Misericórdia...* Ed. cit., p. 61v): «Diligencia ha também mui necessaria no acudir aos necessitados, da qual nos deu grande exemplo o Patriarcha Abraham, como pondera S. Ambrosio (*Lib. 1 de Abrabâ cap. 5*), em ir ao encontro buscar os peregrinos. *Cucurrit (inquit) in occursum eorum uberiores enim fructus habet celebrata devotio*. Não esperou (diz) que lhe viessem pedir pousada, elle com todo o cuydado, e diligencia sahio ao encontro aos peregrinos, porque sabia quam diferente premio alcança de Deos, a diligencia nas obras de seu serviço...»; prega, invectivando, Fr. Alonso: «¿Pues ya por su mano curar al pobre? ¿guisarle la comida? Trabajar de sus manos para hacer limosna? ¿Quién hace eso? ¿Qué fuera ver a Abraham un hombre tan grave y tan poderoso que con la sola gente de su casa dio batalla a cuatro reyes y los venció, estar esperando los caminantes a la puerta de su tabernáculo, en la mitad de la fiesta; y en llegando, hincarse de rodillas y pedirles por merced que hiciesen venta en su casa; y traer él proprio el agua y mandar a su mujer que les haga torticas; y él ir corriendo a la vacada, y matar una ternera de leche? ¿Qué es esto? ¿No había en aquella casa criados? ¿Para casar a su hijo envía un criado, y servir al peregrino él y su mujer? Si viérades ahora al marqués y a la marquesa corriendo de la botillería a la cocina para hospedar a un peregrino, ¿qué dijérades? – Sin duda debe ser rey, que viene en hábito de romero, por no ser conocido. Pues esto entendía Abraham, que en aquellos peregrinos recibía a Dios; y así se honraba de servirlos por su propia persona» (CABRERA, Alonso OP – *Sermones* (1601). Vol. I. Madrid: Casa Editorial Bailly-Bailliére, 1930, p. 414).

seríamos tentados a falar em algo assim como da prevenção atenta por parte da Segurança Social... –, se revestia, na sociedade estamental dos dias do Padre Mértola, de uma particular urgência ao constatar a existência, maior e mais surpreendente do que, por vezes, temos o cuidado de a registar, dos chamados «pobres envergonhados», muitos deles altos senhores que «eran prisioneros de un estado de opinión que les señalaba conductas que, desde el punto de vista práctico, eran nefastas»¹¹² e que os conduzia a um estado de pobreza oculta que algum historiador *doublé* de hagiógrafo, como o jesuíta Gabriel de Aranda ¹¹³, e moralistas, como o nosso carmelita, não deixaram de assinalar. Fr. Luís, consciente da urgência e delicadeza da questão, comentava assim o *Intelligit super egenum et pauperem* do salmo: «porque ha pobres envergonhados que não ousão fallar por si, e aos tais obriga a verdadeira charidade não só remedeia-los a elles, mas fallar por elles, e entender-lhe os pensamentos». E isto com diligência. O Padre Mértola, aliás, como, desde outro ponto de vista assinaláramos, já tinha chamado a atenção para esse estado de «necessidade extrema» que se verificava «também na fama e na honra, cuja conservação depende às vezes do favor alheio»¹¹⁴.

Como tentámos acentuar, estes diversos aspectos do modo de fazer a esmola são outros tantos apelos à sua frequência e à forma de a tornar, tanto quanto possível, eficaz. Compreende-se, assim, que, em algum caso, como o dar «com fim depravado de vaaglória» e esperança de bens temporais a que antes já aludimos, o lente de Teologia Moral, discutindo-o amplamente, acabe por aceitar, matizando ou mesmo contrariando alguns exemplos, que, mesmo em tal caso em que «se lhe irá o merecimento, e ficará a obra morta»¹¹⁵, não deve deixar-se de dar esmola, porque «esse premio [bens temporais] até aos inimigos

¹¹² DOMÍNGUEZ ORTIZ, Antonio – *Las clases privilegiadas en el Antiguo Régimen*. Madrid: Akal, 2012, p. 98. Não deixa de ser curioso que um soneto contra a pobreza e seus «danos colaterais» – «Hambrienta, rota, inquieta, y disgustada...» (incip.) –, incluído por Miguel Leitão de Andrade na sua *Miscelanea do sitio de N. S. da Luz de Pedrogão* (Lisboa: Matheus Pinheiro, 1629) pertença, segundo a atribuição de D. García Peres (*Catalogo razonado de los autores portugueses que escribieron en castellano*. Madrid: Imprenta del Colegio Nacional de Sordo-Mudos y Ciegos, 1890, p. 322) a D. Juan de Silva, conde de Portalegre († 1601), para quem a pobreza, «ruyna de valor, y de nobleza» é «en sugetos honrados vergonzosa / Y en los que no lo son desvergonzada».

¹¹³ ARANDA, Gabriel de – *Vida del Cardenal D. Agustín Spinola*. Sevilla, 1683, p. 267: «Otro linaje de pobreza hay, con quienes puede más el punto que lla necesidad: porque hallándose en la República con la estimación de nobles, con la autoridad de Repúblicos, sin que por la estimación que en la República tienen puedan decaer de aquel porte en que todos les han conocido; estos viven tan lejos de profesarse por pobres, ni de manifestar su necesidad, que sólo Dios y ellos saben lo que pasan de puertas adentro en sus casas; suelen dormir sin cama, levantarse de la mesa sin más sustento que el de un poco de pan; y esse tan poco, que ninguno de los pobres de la República pasa tan mal como ellos» (Cit. por DOMÍNGUEZ ORTIZ, Antonio – *Las clases privilegiadas en el Antiguo Régimen*. Ed. cit., p. 98, n. 28; o título, porém, mais preciso da obra do P. Gabriel Aranda, da Companhia de Jesus, é *Inmortal memoria... del Excelentissimo e Re.mo Señor D. Agustín Spinola*, Cardenal de la Santa Iglesia de Roma. Sevilla: Tomás López de Haro, 1683.

¹¹⁴ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia...* Ed. cit., p. 18v.

¹¹⁵ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia...* Ed. cit., p. 25r; conf. p. 26v-27r.

o dá Deos»¹¹⁶.

Por outro lado, esses modos têm de ordenar-se, para que o socorro do pobre se torne mais meritório, em função do fim do mesmo. Em primeiro lugar, *Propter mandatum assume pauperem* [Ecl. 29] que em glosa do Padre Mértola quer dizer: «Ajuda e favorece ao pobre por to mandar assi Deos e por obedecer a hum Senhor de tanta magestade, que assi o encomenda» e, em segundo lugar, pelo «fim louvavel que tãobem [é] por assi o pedir o affecto compassivo que tenho da miseria alhea, ou por ajudar ao proximo». E, porque estes últimos motivos, «às vezes, não excedem os limites da misericórdia natural», há que assumir que socorremos o pobre não apenas por assim o mandar Deus – o primeiro fim que tinha proposto –, mas também porque fazemos o próprio Cristo «o fim e alvo da esmola». E à maneira de explicitação, Fr. Luís propõe uma espécie de oração que mais não é que a consciente assunção interior deste último fim no momento de dar a esmola: «*Senhor, não sò quero dar esta esmola ao proximo por amor de vos, mas quero dala a vos mesmo em o proximo*»¹¹⁷.

Desde o ângulo por que examinamos até aqui os modos e os fins de pôr em prática as «excelências da misericórdia» – depois teremos que ver como essa prática dá «frutos» –, tentamos mostrar como, para o Padre Mértola, herdeiro de toda uma longínqua tradição que, passando por Domingo de Soto e seus discípulos, se afirma defensora da esmola directa e feita pessoalmente, o que importa é, para além dos modos e matizes, dar. Dar sempre e tentar antecipar o dar ao pedir considerando sempre, como ensinava já o Padre Luis de Granada¹¹⁸, que Cristo é o pobre¹¹⁹.

Escrevendo, porém, contra os «avarentos», quer dizer, os que não dão nunca..., os que não gostam de dar..., os que dão pouco em relação aos seus bens supérfluos..., os que gastam estes bens em usos indevidos..., os que, por muito examinar os pobres, se livram «de dar esmolla com dizer que ha pobres que fingem necessidade e andão pedindo sem querer trabalhar, como ociosos, e vadios»¹²⁰ – um nó forte da questão da polémica entre Fr. Domingos de Soto e Fr. Juan de Robles –, ou ainda, como vimos, os que não dão porque a esmola pode levar o pobre ao pecado, etc., Fr. Luís da Apresentação quis fazer da esmola

¹¹⁶ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia...* Ed. cit., p. 22v, 26v, 151r, 154v-156v.

¹¹⁷ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia...* Ed. cit., p. 23r-23v. O itálico é do original.

¹¹⁸ GRANADA, Luis de – *Memorial de la vida Cristiana...*, VII, 4, § 4. Ed. cit., p. 387; contemporaneamente ao *Memorial* (1566) e ao *Libro de la oración y meditación* (1567), escrevia este granatense na (segunda) edição de *Guia de pecadores* (Salamanca: A. Portinaris, 1567), II, 5, in *Obras*. Ed. cit., III, p. 128: «Los pobres que voluntariamente son pobres, son semejantes a Cristo, que siendo rico, por nosotros se hizo pobre. [...] Y así como los pobres con su pobreza se conforman con Cristo, así los ricos con sus limosnas se reforman para Cristo; porque no solamente los pobres pastores hallaron a Cristo, mas tambien los sabios y poderosos, quando le ofrecieron sus tesoros. Pues tú que tienes bastante hacienda, da limosna a los pobres, porque dándola a ellos, la recibe Cristo...».

¹¹⁹ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia...* Ed. cit., p. 24v.

¹²⁰ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia...* Ed. cit., p. 158v-161r.

um meio de rendimento «atractivo».

Em primeiro lugar, percorrendo através de textos bíblicos e, como sempre, dos patrísticos, defende, em argumentação escolástica – «vejamos agora se...» –, que a esmola «rende» – a palavra é sua – aos misericordiosos já neste mundo quer em bens materiais – «especialmente de fazenda» – e morais quer em bens espirituais. Por aqui passou também Fr. Luís de Granada¹²¹, ainda que este não tenha discutido este «ponto dificultoso de provar», mas que é fácil de aceitar por «christãos que recebem a Escritura Sagrada e se devem governar por ella, como por hum norte seguro, se não querem fazer naufragio na perigosa navegação do mar deste mundo»¹²². E começando pelo «util» – «paga Deos o que se faz por seu amor» como, «seguro misericordioso», prometeu Deus por Salomão (*Prov.* 28) «que nunca jamais lhe faltara o necessario para passar a vida» –, interpretando o *panem ad manducandum praestabit de S. Paulo* (2*Cor.* 9) não em sentido «metaphorico», mas literal do «premio nos bens temporais que tem os misericordiosos alem dos espirituais», o P. Apresentação centra-se no comentário de S. Cipriano a este passo paulino (*De opere et elae.*) em que acentua que, procurando antes de tudo, o reino de Deus, *hac omnia adijcentur vobis*. E, talvez porque tenha receado, pelo difuso da explanação, a demasiada literalidade por que fosse entendido esse *adijcentur*, o Padre Mértola, citando «hum varão douto e bem espiritual», previne que por tal, aos esmoleres, «não disse Christo tudo o mais se vos darà, senão tudo o mais se vos acrescentarà, para que entendamos que não dá Deos aos justos estas cousas temporais por premio principal de suas obras, senão como cousas acrescentadas e accessorias ao premio principal em quanto são meo para viver e assi o dia da paga não as desconta, nem faz caso dellas, mais do que se não as ouvera dado, porque não se preza de pagar nossos serviços com tão baixos premios»¹²³. E mediante alguns exemplos do «Antigo Testamento» – o sustento dos israelitas no deserto por 40 anos..., o socorro que uma «viúva necessitada» deu a Elias..., o ter Deus alimentado por meio de «corvos tragadores» e de um anjo o mesmo Elias..., o sustento de

¹²¹ GRANADA, Luis de – *Libro de la oración y consideración*, III, 3, §10, in *Obras*, II. Ed. cit., p. 197-198; también na *Guia de pecadores* (I, 5, 23), in *Obras*. Ed. cit., III, p. 83-84, quando trata do «Undécimo privilegio de la virtud, que es cómo nuestro Señor provee a los virtuosos de lo temporal», escreve: «Todo esto que hasta aquí habemos dicho, son riquezas y bienes espirituales que se dan a los amadores de la virtude n esta vida, demás de la gloria perdurable que les está guardada en la outra [...]. Mas si alguno hubiere tan de carne que tenga más puestos los ojos en los bienes de carne, que en los del espíritu (como hacían los judíos), no quiero que por esto nos desventagamos [...] però todavia así como en aquella ley carnal no dejaba Dios de dar bienes espirituales a los buenos judíos; así en esta espiritual no deja de dar también sus prosperidades temporales a los buenos cristianos: sino que las prosperidades dáselas con dos grandes ventajas que no conocen los malos. La una, que como médico prudentísimo se las da en aquella medida que pide su necesidad [...]. La outra ventaja es, que con menos estruendo y aparato de cosas les da mayor descanso y contentamiento, que es el fin para que buscan los hombres todo lo temporal».

¹²² PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia...* Ed. cit., p. 67r-67v.

¹²³ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia...* Ed. cit., p. 68v-70v.

Daniel na cova dos leões... , etc. – assinala «como o mundo se revolve, quando he necessário, para sustentar Deos a seus servos». Apesar de nos querer mostrar que «anjos, homens, e ainda as mesmas aves de rapina são nesta parte instrumentos da Divina Providência» e que, por tal «não ha que desconfiar de tam bom pay», arriscamo-nos a pensar, sem grande violência, que a conclusão do capítulo – «Não tema o misericordioso de que Deos o aja de matar à fome» – só de longe – e talvez nem sequer chegue verdadeiramente a explaná-las – cumpre as promessas do autor em mostrar os bens temporais, especialmente da fazenda, que Deus concede aos misericordiosos. E, curiosamente, dos exemplos não bíblicos que, no capítulo seguinte, colige para «confirmar» – a palavra é sua – o que fica dito, apenas um, o primeiro de quinze, tirado do *Prado espiritual* (c.18), confirma como a esmola pode levar a um aumento da fazenda pessoal. Os restantes são, como os bíblicos anteriormente evocados, demonstrações da Providência para com monges, reis, bispos, grandes senhores, etc., surpreendidos por uma eminente urgência de socorrer pobres. Esperemos se compreenda que, dada a fácil argumentação opositiva, não se examine aqui «como os avarentos são castigados nesta vida nos bens temporais que negão aos pobres» (cap. XII), mas, precisará Fr. Luís mais tarde, se, sem fazer caso dos bens espirituais que traz a esmola, se contentam com a pequena paga («cisco») em bens temporais do pouco que dão, nem em tal caso devem deixar de socorrer o pobre, pois – e já o apontara – «quanto esse premio até aos inimigos [o?]dá Deos»¹²⁴. Detenhamos apenas a chamar a atenção para «que a esmola rende aos misericordiosos saude, e vida»¹²⁵, bens de que «não gozão os avarentos». São estes os «fructos maiores» – «maiores, pois por estas duas cousas não arreceamos despende a fazenda, e quanto possuímos»¹²⁶ – que, em breve capítulo, mostra o autor render a esmola, como já assinala David (*Ps. 140*) e, à mistura com Juan de Mariana, mais uma vez, alguns Padres da Igreja, e confirmam «exemplos authenticos», uns antigos – protagonizados por algum «homem honrado» e, sobretudo, por bispos – e alguns «modernos de nossos dias» que, como já lembramos «movem» mais. São estes últimos, os casos daquele anónimo de Campo de Ourique, que um dia, em 1609, se livrou de ser morto à traição devido ao bem que tinha feito

¹²⁴ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia...* Ed. cit., p. 156v-157v.

¹²⁵ FARIA, Francisco Freire de – *Primavera espiritual, e considerações necessarias pera bem viver*. Lisboa: Joam da Costa, 1673 – pequeno livro muito interessante não pela alta erudição nem pela formulação teórica do exame das virtudes e da crítica de alguns vícios, mas pela singeleza da linguagem semeada de imagens climáticas, camponesas, da vida da Natureza, etc., que se diria traír as homilias de um atento pároco rural (neste caso de Bucelas) que o fez para «que os fieis christãos em suas casas pudessem fazer huma vida, em certa maneira religiosa, e mais reformada...» –, dedica (p. 146-149) alguma atenção, na linha de Fr. Luís de Granada e de Fr. Luís de Mérola, a mostrar como «a vida temporal também a esmola dilata e acrecenta» (Agradeço à Prof^a Maria Antónia Lopes o ter-me chamado a atenção para este precioso livrito).

¹²⁶ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia...* Ed. cit., p. 88r.

à família daquele que, por contrato, devia assassiná-lo em Lisboa...; e outro, «mais moderno», ocorrido em 1623, quando um casal extremamente caritativo se salvou da ruína do prédio em que morava e sob cujos escombros pereceram sete ou oito pessoas que nele também habitavam...¹²⁷ A esmola, porém, já neste mundo, rende ainda em honra e fama – bens que poderão dizer-se morais –, e que poderão avaliar-se pela má fama e reputação que têm e de si deixam, quando morrem, os avaros no povo... Glosando o salmista – *In multitudine divitiarum suarum gloriantur* [Ps. XLVIII, 7] –, e Cícero – *Gloria es [...] solida quaedam res et expressa, non adumbrata. Ea est consentiens laus bonorum, incorrupta vox bene iudicantium de excellenti virtute: ea virtuti resonat tanquam imago gloriae...* [3 *Tuscul.*] –, Fr. Luís, afrontando um tanto superficialmente – com a incisão, porém, suficiente para os fins que se propõe – uma questão candente que, em seus dias, invade a literatura – do ensaio moral, da novela e do teatro à parenética¹²⁸ –, insiste em que, contrariamente ao que pensam os «miseráveis avaros», a verdadeira fama e honra não depende nem «de possuírem muito dinheiro, muitas propriedades, muitos moios de renda, muitos bois e vacas...», nem «na falsa opinião, nem nos falsos louvores, nem nas fingidas reverências e mesuras [...]», mas consiste nestas mesmas cousas quando ellas são acompanhadas da virtude¹²⁹. E, mesmo assim, tal fama é apenas uma sombra terrena, pois, como diz o salmista, *Vocaverunt nomina sua in terris suis* [Ps. XLVIII, 12] e não *in caelis*... «A honra verdadeira e digna de toda a estimação» – e agora traduz uma longa citação de S. João Crisóstomo (*Homil. 10 in Epist. ad Cor.*)¹³⁰ – «[está] em que nas ocasiões que se offerecerem de falar em vós diga hum: Esse homem me ajudou a amparar minha filha; acuda outro: O mesmo fez para hum filho meu; diga outro terceiro: Elle me livrou de tal ou tal aperto em que estava; etc.. Mais valem [...] estes louvores que coroas de ouro na

¹²⁷ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia*... Ed. cit., p. 92v-93v.

¹²⁸ Para, diante da vastíssima bibliografia sobre a honra em Espanha e Itália, não cair na estultícia de a tentar «resumir», indiquemos aqui apenas dois ou três exemplos: a anónima *Questiõn de amor de los enamorados* (1513) in *Orígenes de la novela*. Vol. II. Madrid: Casa Editorial Bailly-Baillière, 1931, p. 96; TORQUEMADA, Antonio de – *Colloquios satíricos* (Mondoñedo, 1553) in *Orígenes de la novela*, tomo II, Ed. cit., p. 643-646; CABRERA, Alonso de, OP. – *Consideraciones del viernes después de la ceniza*. In *Sermones*. Ed. cit., p.55; LEMOS, Hieronymo, OSH. – *La torre de David, moralizada por via de diálogos para todo género de gentes*. Salamanca: Andrea de Portonaris, 1567, p. 1r-3v; para uma perspectiva geral sobre o tema cremos ainda muito útil a obra de MARAVALL, José Antonio – *Teatro y literatura en la sociedad barroca*. Madrid: Seminarios y Ediciones, 1972, p. 86-87, 90, 92, 97, et passim.

¹²⁹ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia*... Ed. cit., p. 101r-102r.

¹³⁰ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia*... Ed. cit., p. 103r. Na lição do Padre Mértola, o trecho citado é: «*Dicat igitur: Ille meam filiam nuptui tradidit; alius filium meum virum evadere fecit; alius vero calamitate me, alius periculis liberavit. Haec autem aureis coronis praestantiora sunt verba, longe satius est hoc propriae benignitatis in Civitate praecones habere, quam scilicet, et salvator, et beneficus, et patronus (quae Dei nomina sunt) appellaris: non cupidus, non insatiabilis, non superbus, non pusilanimi.*».

cabeça...»¹³¹. Apesar dos quatro exemplos com que quer confirmar o exposto – plebeus e algum pobre frade que, sendo grandes esmoleres, chegaram a reis ou a gozar do apreço de reis –, Fr. Luís sempre vai prevenindo que «a mor parte das promessas que se fazem na Escritura Sagrada aos esmoleres, se entende de bens espirituais... E, além do mais, deve o misericordioso estar consciente de que «quanto menos Christo lhe pagar nesta vida em bens temporais suas obras, mais riquezas achará no ceo»¹³². Compreende-se bem que o P. Mértola esclareça que «daquele cento por hum que Christo promete, de bens espirituais, se deve principalmente entender»... E, assim, discorrendo sobre a vantagem dos bens espirituais sobre os temporais que a esmola rende, o Padre Mértola, acentuando-lhe o carácter penitencial, começa por lembrar, com alguns Padres, que a esmola, sendo «como hum quasi segundo baptismo», perdoa pecados: «Não há peccado no mundo por grave e horrendo que seja» – traduz novamente de S. João Crisóstomo – «cuja malícia possa resistir a força e efficacia da esmolla...». No entanto, tal como o faz Fr. Luís de Granada¹³³, pondera imediatamente o lente de Moral: «deve-se muito advertir que [...] a esmola perdoa peccados, e que he hum baptismo e hum sacrificio que purifica a alma, [mas] não ter esta obra o tal effeito per si só naquelle que quer perseverar no peccado...»¹³⁴. Daqui se segue uma apologia da eficácia da obra, «satisfatória» mediante o arrependimento dos pecados, pois também «guarda [a alma] por meyo dos auxílios que alcança; he disposição remota para a graça justificante quando se faz commoção de Deos, e com auxilio particular¹³⁵; livra dos peccados, porque por respeito das esmolas que um faz estando em graça, o livra Deos do peccado quando cae; finalmente livra dos peccados veniais aos que estão em graça, que não he pequeno effeito, pois são tantos e tão continuos em nos, e se tem na outra vida pena muy grande de fogo com que são castigados»¹³⁶. E a esmola, assim elevada quase ao nível de

¹³¹ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia...* Ed. cit., p. 103r-103v.

¹³² PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia...* Ed. cit., p. 138r.

¹³³ GRANADA, Luís de – *Libro de la oración y consideración*, III, 3, §8, in *Obras*, II, Ed. cit., p.196.

¹³⁴ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia...* Ed. cit., p.112v-113v. Menos preciso neste ponto e, por isso, mais atraente que o professor de Moral para com o seu leitor, pregava, publicando-o pelos mesmos dias (1629), CALVO, Fr. Pedro – *Homilia I da quarta dominga da Quaresma*. In *Segunda parte das homilias da Quaresma*. Ed. cit., p. 147: «A esmola livra da morte, não do corpo, mas da alma, ella alimpa os peccados, e faz achar diante de Deos misericordia, e a vida eterna. E para verdes quanta seja a virtude da esmola para purificar, e alimpar dos peccados, vos lembro com o glorioso S. Ambrosio, ser entre as virtudes morais, a mais effizaz para alcançar remissão de culpas. Ouví o santo Doutor: *Si tam grave fuerit peccatum, ut minime solis fletibus abluatur, addamus misericordiae oleum. Nullum enim tam grave delectum, quod eleemosynis non extingatur*[...]. Às vezes [diz o sancto] as nodoas que a agoa não lava, o sabão as tira. Grande remedio são as lagrimas para lavar nodoas de culpas, mas às vezes as maculas da alma que as lagrimas não tirão, o sabão da esmola de todo as apura. Ó estranho encarcimento, dar este sancto doutor mais efficacia para lavar culpas à misericordia, que às lagrimas...».

¹³⁵ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia...* Ed. cit., p.119v, em que volta a chamar a atenção para «ser a esmola disposição grande para aceitarmos os divinos auxílios, e cooperarmos com elles, que he o principio, e raiz de todo nosso bem».

¹³⁶ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia...* Ed. cit., p. 113r-114v.

poderoso instrumento da via purgativa da ascensão espiritual da alma – e, como tentaremos insinuar, a base ascética para mais altos voos –, é, segundo alguns autores, ainda eficaz — «outro effeito lhe dão» – no «despachar petições». Por esta razão, um Santo Agostinho, entre outros, comentando o *Filiae Tyri muneribus vultum tuum deprecabuntur* (Ps. 44), aconselha que «quando forem à igreja, se querem bons despachos em suas orações, *Deprecentur in muneribus*: peção dando peitas, que são esmolas»¹³⁷. Trata-se de uma recomendação que, conjugando esmola e oração, já tínhamos encontrado formulada desde outra perspectiva e em que o Padre Mértola, sublinhando essa relação («dependência»), apontava a sua importância como meio de «acção de graças que devemos a Deos pellos beneficios que delle cada hora recebemos»¹³⁸. Porém, agora em diálogo com Fr. Luís de Granada, ainda há-de nela insistir: «Parece que temos desta verdade hũa boa figura no terceiro livro dos Reys. Onde mandou Nosso Senhor a Salamão, que pozesse duas portas de madeira de oliveira na entrada da Sancta Sanctorum. Pergunto: não forão mais fermosas de cedro, ou de outro pao, que de oliveira? Responde o veneravel Padre Granada¹³⁹, que nos quis o Espirito Santo nisso dar a entender, que a entrada da oração para com Deos, então será certa e segura, quando primeiro usarmos de misericórdia figurada nas portas de oliveira, que della he symbolo»¹⁴⁰. O autor das *Excellencias da misericórdia e fructos da esmolla*, sublinhando, uma vez mais, «ser a esmola tão poderosa que alcança despacho infallivel de petições, per consequencia se fica entendendo participar aquelle privilegio, que os santos dizem ter a oração, que he fazer-nos omnipotentes»¹⁴¹ – dedica ainda umas páginas mais a «outros bens espirituais que rende a esmola nesta vida» – «alcança a fe, a confiança, o amor de Deos, e do proximo, as virtudes morais, prudencia, justiça, fortaleza e temperança; os doês do Spirito Santo [...] as graças gratis datas e finalmente todos os bens espirituais que nesta vida podemos desejar»¹⁴² –, tentando logo «prová-lo» com uma curta série de *exempla* que vão de S. Francisco a D. Miguel de Castro, arcebispo de Lisboa, falecido, precisamente, em 1625, aos 95 anos, passando por Santa Cassilda, convertida moura toledana, cuja evocação, numa quase novelazita hagiográfica sacada de A. de Villegas, é um dos poucos exemplos femininos de grandes esmoleres¹⁴³.

¹³⁷ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericórdia*... Ed. cit., p. 116r-116v.

¹³⁸ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericórdia*... Ed. cit., p. 10v-11r.

¹³⁹ GRANADA, Luís de – *Libro de la oración y consideración*, III, 3, §8, in *Obras*, II. Ed. cit., p. 196.

¹⁴⁰ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericórdia*... Ed. cit., p. 116r-116v.

¹⁴¹ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericórdia*... Ed. cit., p. 117v (conf. 12v: «O que mais nos mostra a nobreza e excellencia desta virtude [misericórdia] he a muita semelhança com Deos, a que somos por seu respeito levantados. E tanto que chega a dizer S. Gregorio Nazianzeno que nos faz como deoses»).

¹⁴² PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericórdia*... Ed. cit., p. 117v-121v.

¹⁴³ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericórdia*... Ed. cit., p. 121v-128r.

Esmola, rendimento atractivo... já neste mundo. É a tese e a tática de Fr. Luís da Apresentação em *Excellencias da misericordia e fructos da esmolla*: pode render logo bens materiais e, muito mais importante, bens morais e espirituais, mas não há por que «afligir-se o misericordioso ainda que veja dilatar-se o fructo de suas esmolas, porque como a esmola seja como hũa usura [...] por bem seu se dilata o ganho»¹⁴⁴... E, mais ainda, como acima acabámos de ver: se não é uma oração propriamente dita no sentido usual do termo, participa do poder da oração enquanto petição, donde, interpenetrando-se, esmola e oração sejam os meios eficazes mais imediatamente acessíveis – e praticáveis – para louvar e «pedir» – o cristão é, assim deve reconhecer-se, um pobre que dá a pobres – a Deus. Mas estas rendas («fructos») da esmola são, no que poderia dizer a economia escatológica do socorro do pobre, naturalmente, transferíveis – a palavra é nossa, mas o conceito é do Padre Mértola – para a outra vida, pois «a esmola [também] rende no juízo, na morte, e depois da morte», perspectiva bem tradicional – a Contra-Reforma, diante de um M. Lutero, «desvalorizador», com a nova teologia da graça, do mérito das obras¹⁴⁵, revalorizou-a, inclusive literária¹⁴⁶ e iconograficamente¹⁴⁷ – que, como era de esperar, o Padre Mértola desenvolve recorrendo aos Padres da Igreja, muito especialmente, mais uma vez, a S. João Crisóstomo, e ainda a S. Pedro Crisólogo, autoridades a que, com as

¹⁴⁴ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia...* Ed. cit., p. 136v.

¹⁴⁵ SCHILLING, Heinz – *Martin Luther. Rebelle dans un temps de rupture*. Paris: Salvator, 2014, p. 457, 467, 561 *et passim* anotou com clareza o pensamento teológico-social de Lutero sobre os pobres e a esmola.

¹⁴⁶ Baste aqui aludir a *Guzmán de Alfarache* (1599-1604) de Mateo Alemán, como destacou CAVILLAC, Michel – *San Agustín en el gran debate sobre los pobres: 1545-1599 (de Domingo de Soto y Juan de Robles hasta Pérez de Herrera y Mateo Alemán)*. Art. cit., p. 45-56 (esp. p. 49-53) e, mais recentemente, em *Guzmán de Alfarache y la novela moderna*. Madrid: Casa de Velázquez, 2010, pp. 157-162, isto sem esquecer os outros estudos recolhidos nesse volume (118) de *Criticón* em que, como já destacamos, se examina *Agustín en España (siglos XVI y XVII): Aspectos de Política, Historia y cultura*.

¹⁴⁷ MÂLE, Emile – *El arte religioso de la Contrarreforma. Estudios sobre la iconografía del final del siglo XVI y de los siglos XVII y XVIII*. Madrid: Encuentro Ediciones, 2001 (1ª ed. 1932), p. 326, comenta uma pintura de La Hyre, feita para os capuchinhos de Marais, em que Santa Ana, como que para educação de sua filha, a Virgem Maria, dá esmola por sua própria mão, gesto que pode ver-se repetido por S. Tomás de Villanueva num quadro de B. Murilo (Museu de Bellas Artes de Sevilla) e em algum que outro santo, a começar por S. Martinho de Tours, que é elevado à categoria de definidor iconográfico de tal gesto num quadro, proveniente do Espinheiro (Évora), no Museu Alberto Sampaio (Guimarães). Curiosamente, não logramos encontrar uma pintura que no-lo mostre em um grande senhor ou dama desses dias da primeira metade do século XVII, a não ser, pese embora o seu halo de alegoria, no retrato que, de acordo com SERRÃO, Vitor (*O maneirismo e o estatuto social dos pintores portugueses*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1983, p. 123, fig. 48), em 1633, Gregório Lopes pinta de João Afonso de Santarém, em que o fundador do Hospital de Jesus Cristo de Santarém (1426) se nos mostra precisamente a distribuir aos pobres a esmola (pão) por sua própria mão. Não sabemos se a (provável) *décalage* entre o gesto de uma nobre personagem dos começos do século XV e de um senhor dos anos trinta de Seiscentos foi «visível» para o pintor português, mas sabemos que talvez poderia justificar-se com o que criticamente ponderava Fr. Alonso Cabrera em um dos seus sermões publicados em 1601: «Criados tenía Marta; señora principal era; pero no se fia de ellos, sino ella por su mano lo hacía [el guisado y servicio], porque no se despreciaba de servir a Dios. No como los señores de ahora, que tienen por bajeza dar por su mano la limosna al pobre, que representa la persona de Jesucristo; aun de ayudar a misa no se precian los caballeros (oficio de que no son dignos los ángeles)» (*Consideraciones del lunes después del Domingo de Ramos*. In *Sermones*. Ed. cit., p. 413-414).

mesmas ou muito próximas referências, recorre o Padre Granada¹⁴⁸. Com efeito, glosando S. Pedro Crisólogo [*De ieiun et elaem.*], o pobre que recebe a esmola, novo Midas, transforma-a, tal como este tudo metamorfoseava em ouro, em «letra segura»¹⁴⁹, valor que «o Senhor nunca jamais deixa de aceitar», e que, assim, há-de valer a quem a dá no dia do juízo. O pobre, como já lembrara Fr. Luís de Granada¹⁵⁰, é, pois, um «banqueiro» em cuja mão «está depositada a esmola até que Deos abra as portas do ceo na morte ao misericordioso, assi como na sua morte as abrio a todo mundo»¹⁵¹... Se este banqueiro transfere com segurança para o Reino dos Céus o que se dá ao pobre por Cristo, também os pobres, agora segundo S. Basílio [*Hom. 23 ex variis*], podem comparar-se a «naos seguras, onde podemos salvar a fazenda que sem isto pudera perder-se e seu dono tambem no tempestuoso mar deste mundo»¹⁵². Tal segurança – «letras seguras»..., «naus seguras»..., «usura certa e dilatada»... – poderá ainda ver-se reforçada – a segurança das obras frente a *sola fide* – no dia do juízo pela presença desse favorável «advogado» – a comparação deve-a Fr. Luís a S. João Crisóstomo – que é a esmola, que não só defende quem a deu, «mas persuade ao Juiz, que juntamente avogue por aquelle a quem ha-de sentenciar». Explicando melhor o pensamento do Padre grego¹⁵³: «De modo que se a justiça divina achasse algum fundamento para condenar, entre a misericordia como avogando e faça absolver o reo»¹⁵⁴. E, como vimos, se a oração, por sua virtude purificadora, «limpa» os pecados – a expressão vai buscá-la, citando-o, a S. Bernardo [*Serm. De conver. ad clericos, cap. 24*] –, nada obsta a que os pobres, como igualmente pondera o

¹⁴⁸ GRANADA, Luís de – *Libro de la oración y consideración*, III, 3, §10. In *Obras*, II. Ed. cit., p. 195-196, 198-199.

¹⁴⁹ FARIA, Francisco Freire de – *Primavera espiritual, e considerações necessarias pera bem viver*. Ed. cit., p. 146 e 152, ainda utilizará esta mesma imagem: «Quem dá esmola ao pobre, recebe de usura nesta vida cento por hum, e na outra, vida eterna: vem a ser a esmola huma letra de cambio passada deste mundo para o outro pelas mãos dos pobres, à vista vos ha-de Deos pagar cento por hum nesta vida, e na outra vida eterna [...] Departão seus bens assegurando suas riquezas, e passando-as per letra ao Ceo por mãos dos pobres, pera que logrem seus bens eternamente...».

¹⁵⁰ GRANADA, Luís de – *Libro de la oración y consideración*, III, 3, §10. In *Obras*, II. Ed. cit., p. 194.

¹⁵¹ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia*... Ed. cit., p. 132r.

¹⁵² PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia*... Ed. cit., p. 136r.

¹⁵³ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia*... Ed. cit., p. 129r. Imediatamente depois, Fr. Luís acentua o mesmo princípio recorrendo, uma vez mais, a um texto de Santo Agostinho, que, dada a importância do bispo de Hipona no pensamento teológico-moral em torno da pobreza nestes dias, valerá a pena citar integralmente: «*Filiae Tyri in muneribus vultum tuum deprecabuntur omnes divites plebis, etc. Venite cum muneribus ad eum qui dicit: Misericordiam volo magis quam sacrificium, etc. Venit rex, et munera vult. Quae munera? Eleemosynas. Ipse est enim iudicaturus, et munera imputabit quibusdam*» [Aug. In Psal. 44]. Como se mais claro dissera: Não são outra cousa as esmollas senão hãas peitas para que o Supremo Juiz dê sentença em nosso favor...».

¹⁵⁴ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia*... Ed. cit., p. 115r. CAVILLAC, M. – *San Agustín en el gran debate sobre los pobres: 1545-1599 (de Domingo de Soto y Juan de Robles hasta Pérez de Herrera y Mateo Alemán)*. Art. cit., p. 45-56 (p. 52-53), apontou as questões que, a este propósito, levanta o célebre exemplo do perdão que Zenon (tirano / imperador) alcançou pelas suas esmolmas, exemplo em que se jogam as teologias de Pedro Canísio e de Domingo Soto sob o alo de Santo Agostinho, retomou o tema, com um pouco mais de amplitude, em *Guzmán de Alfarache y la novela moderna*. Ed. cit., p. 153-158.

Padre Granada¹⁵⁵, sejam considerados «medicos e surgiões de nossas feridas, que curão não só a ferida, mas ainda o sinal della, com que o rosto da alma fica tão fermoso como estava em quanto conservava a innocencia»¹⁵⁶.

Limpar..., restaurar..., advogar..., absolver..., curar... são conceitos que, ao longo de *Excellencias da Misericordia*, utilizados e reutilizados, nos parecem remeter, quando em relação estreita – e estão-no muitas vezes, como tentamos assinalar – com a oração propriamente dita, para o campo semântico do que poderíamos dizer a via purgativa, ascética, da ascensão espiritual da alma. Podemos assim compreender que disponha, antes de mais, para melhor comungar. E aproveitando um largo trecho em que S. João Crisóstomo [*Hom. 84 in Matth.*] diz precisamente que «nos despõe a esmola para comungar com devação, e dignamente», convidando à «consideração» do «modo [que Zaquue] preparou sua casa para agasalhar a Christo. Que cadeiras, que mesa, que toalhas, que armação, e que ornato, e aparato buscou? *Dimidium bonorum meorum do pauperibus*. Dou a metade da minha fazenda aos pobres. Esta he a tapeçaria com que se honra a alma onde Christo ha de entrar»¹⁵⁷. «Com esta armação» – glosa ainda Fr. Luís – «tecida e feita não na Índia da terra, mas dos ceos, se cativão os olhos do Senhor». Cremos não ser violento insinuar que, com esta alusão à comunhão eucarística – um momento unitivo da alma com Cristo –, o Padre Mértola parece propor que, pela esmola, também à união contemplativa pode aceder o misericordioso, já que nele – glosamos nós agora – põe os olhos o Senhor. E se ao dar a esmola a dá a Cristo, é possível dizer que, por ela, de algum modo, o misericordioso se une com Cristo, donde, consequentemente, seja a esmola fonte de consolação espiritual. E o Padre Mértola, interrogando-se retoricamente – «Que direi das consolações espirituais que goza a alma do misericordioso?»¹⁵⁸ – «mostra-o» com um exemplo, ao parecer muito divulgado¹⁵⁹, de dois homens, Etbino e Vuina, que, tendo acolhido um peregrino, tomaram-no nos braços e, estando tratando as suas chagas, «levantou Etbino os olhos e vio alguns anjos que vinhão para onde elle estava. Chegarão e disserão que aquelle de que se compadecião era Christo Nosso Senhor, no qual ficarão muy certificados, porque repentinamente lhes desapareceo, e deixou suas

¹⁵⁵ GRANADA, Luís de – *Libro de la oración y consideración*, III, 3, §4. In *Obnas*, II. Ed. cit., p. 193.

¹⁵⁶ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia*... Ed. cit., p. 129r.

¹⁵⁷ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia*... Ed. cit., p. 120v-121r. O texto do Padre grego, mais glosado que verdadeiramente traduzido, é: *Ingrederere cogitatione Zachaei domum, et considera cum audisset Christum apud se mansurum, quomodo eam ornauit, non enim curriculo ad vicinos contendit, mensas, sedes, subsellia petens eburnea, sed ornatu Christo gratissimo decorauit. Quod porro istud? Dimidium bonorum meorum do pauperibus. Sic et nos oro domus nostras exornemus, ut Christum suscipere mereamur. Haec pulcherrima portarum velamina, haec in coelis solummodo fiunt, ibi teruntur, ibi caelorum Rex habitat» [*Hom. 84 in Matth.*].*

¹⁵⁸ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericordia*... Ed. cit., p. 127r.

¹⁵⁹ Fr. Luís parece ter colhido o exemplo em três fontes: *Aquilino, Lib. 9, cap. 25; Surius, tom. 2; D. Antonin. 2 p., tit. 12, c. 8, § 7.*

almas cheas de grandes jubilos e alegria espiritual, porque virão os anjos que em companhia do mesmo Senhor subirão ao ceo...». Cremos que, sem grande violência, o exemplo, além de mostrar, antes de mais, como propõe Fr. Luís, que «tal fruto [consolação espiritual] rende a misericórdia», insinua quanto a misericórdia leva à estreita união com Cristo – tomaram-no nos braços..., bafejaram-lhe as chagas... Mas Fr. Luís talvez até veja na esmola um caminho para levar o misericordioso a uma mais profunda identificação com Cristo. Com efeito, remetendo para S. Paulino de Nola e para as recomendações de Fr. Jerónimo Gracián de la Madre de Dios, o Padre Mértola, glosando o que lhe pareceu ver praticar ao seu biografado Fr. Estêvão da Purificação, defende que, ao socorrer o pobre, o cristão, a partir do conhecimento próprio como propunha Santo Agostinho¹⁶⁰, deve – deveria? – «considerar-se hum como membro vivo de Christo, desejando que suas obras tenham somente o valor que recebem de sua cabeça Christo e, deste modo, quasi anichilando-se assi¹⁶¹ e não fazendo caso de si, considerar que Christo he o que faz esta obra, e dá esta esmola não somente ao pobre por amor de Christo, senão a Christo no pobre, e desta maneira fica Christo recebendo de si mesmo»¹⁶². Longe ainda do pobre como o «segundo sacramento» que, num sermão admirável pela argúcia conceptual, há-de propor o Padre António Vieira¹⁶³, aqui apenas – e já não é pouco – um íntimo e profundo cristocentrismo que, aniquilando o próprio eu de quem dá e valorizando o eu do pobre – porque identificado com Cristo – eleva a esmola a um nível de instrumento – seria melhor dizer via? – de contemplação unitiva de sinal, cremos, altamente afectivo. Por algo, ao dar esmola, faz o Padre Mértola dizer a Santa Madalena de Pazzi, carmelita, em vésperas de ser beatificada (1626): «Faço isto na união do amor com que o verbo eterno encarnou»¹⁶⁴, declaração que muitos dos misericordiosos que nos foi elencando, cada um à sua maneira, a começar por aquele seu irmão de hábito, Fr. Luís de Purificação, que nos atreveríamos a julgar o seu fanal, podia repetir. A olhá-lo por estas propostas, com independência de qualquer vector sociológico – naturalmente tópico e, talvez, mesmo banal – a que a sua obra se pudesse prestar – o que não impede que nos interroguemos sobre o seu significado de obra, ao parecer,

¹⁶⁰ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericórdia...* Ed. cit., p. 13v: «a Misericórdia [...] ajuda muito a ordenar-se bem consigo pelo conhecimento proprio. E assi disse muyto bem Santo Agostinho: *Agnoscit se pauperem qui agnoscit iuxta se pauperem* [Serm. 4 de verbis Domini].

¹⁶¹ Conservamos o «assi» do original, mas perguntamo-nos se não será erro de tipógrafo por «a si». «Assi», equivalendo a «assim», «deste modo», tem algum sentido, mas «a si», isto é, aniquilando-se a si mesmo pela identificação com Cristo, parece-nos traduziria melhor o *motus* espiritual que o Padre Apresentação propõe.

¹⁶² PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericórdia...* Ed. cit., p. 24r.

¹⁶³ VIEIRA, António – *Sermão das obras de misericórdia* (1. 11. 1647). In *Sermões*. Vol. XIV. Porto: Lello e Irmão Editores, 1959, p. 65-93.

¹⁶⁴ PRESENTAÇÃO, Luís da – *Excellencias da misericórdia...* Ed. cit., p. 24r-24v.

única em seus dias em torno de um assunto que, com renovada acuidade, tanto preocupava a sociedade e os seus pregadores –, quase poderíamos, repensando as «confusões» de D. Francisco Manuel, aceitar colocar Fr. Luís da Apresentação entre os autores de Teologia Mística...

Artigo recebido em 02/09/2018

Artigo aceite para publicação em 31/10/2018

APÊNDICE

FR. LUIS DE GRANADA E FR. LUÍS DA PRESENTAÇÃO – CONCORDÂNCIAS DE LUGARES COMUNS E DE ALGUMAS CITAÇÕES¹⁶⁵

Fr. Luis de Granada

Fr. Luís da Apresentação

... sin ninguna proporción son mayores los provechos e intereses que se alcanzan por la limosna [...] y en otros casos los provechos y frutos, así espirituales como temporales...

De la oración y consideración, III, 3

«De la primera excelencia de la limosna y misericordia»

De la oración y consideración, III, 3, §1
– 10

... la primera excelencia que tiene esta virtud, es hacer a los hombres semejantes a Dios, y semejantes en la cosa más gloriosa que hay en él, que es en la misericordia [...] Pues tanto se precia Dios desta virtud, y tan grande gloria es parecerse el hombre con Dios, ¿por cuán excelente se debe teener la virtud de la misericordia, que hace el hombre semejante a Dios en cosa de que tanto se precia el mismo Dios? Pues con este tan grande premio nos convida

Excellencias da misericórdia y frutos da esmolla

O que mais nos mostra nobreza, e a excellencia desta virtude he a muita semelhança com Deos, a que somos por seu respeito levantados [...] Por onde aquelle que vivendo na terra exercita a misericórdia, se parece e assemelha tanto com Deos, o qual disse: *Estote misericordes sicut et pater vester misericors est...*

Excellencia da misericórdia..., pp.12v-13r

¹⁶⁵ Aqui apenas apresentamos algumas das mais evidentes concordâncias intertextuais dos dois autores – algumas poderão mesmo ser consideradas autênticos débitos de Fr. Luís da Apresentação para com Fr. Luis de Granada –, silenciando as inúmeras vezes em que a matéria, abordada de forma não absolutamente coincidente, vem apoiada pelas mesmas autoridades (Cassiano..., Ambrósio..., Agostinho..., Jerónimo..., Gregório..., Aristóteles..., Túlio..., etc.), ou até pelos mesmos exemplos bíblicos, como, para citar algum, o da pobre viúva que alimentava Elias com um pouco de farinha [3Reg. 17]..., ou o do rico que nem as migalhas que caíam da sua mesa queria dar a Lázaro [Lucas. 16]). Das quatro citações que explicitamente faz o autor português de Fr. Luis de Granada, havemos de confessar que fomos capazes de localizar três.

el Señor en el Evangelio, diciendo: Sed misericordiosos, así como vuestro Padre es misericordioso.

De la oración y consideración, III, 3, §1

... por esto deseó tanto el remedio de los unos y de los otros que vino a encomendar con las más encarecidas palabras y promesas que se podían encomendar, diciendo: Lo que a uno de estos pequeñuelos heciste, a mí lo hecistes. ¡Oh maravillosa excelencia la del pobre de Cristo, pues en él se prepresenta la persona de Dios!

De la oración y consideración, III, 3, §8

... y por ellos [pobres] se abre camino para poder servir y acoger en su casa a quien es poderoso para hacerle tanto bien. Y con este presupuesto no sirve al pobre como pobre, ni le mira como a tal, sino mírale como a aquel que representa, y con la misma alegría y devoción le sirve...

Memorial de la vida cristiana, VII, 4, §4

Por donde muchos sin tener respecto a Dios, por solo ganar fama y credito con los hombres, fueren para con ello muy liberales.

De la oración y consideración, III, 3.

La causa de encarescer tanto el Salvador este secreto, es tener él muy bien tomados los pulsos de nuestro corazón, y saber cuán subjecto está al viento de la vanagloria, y entender también la sutileza de este vicio [...] Verdade s que

E ainda digo mais, que devemos ter por alvo, e fim de tal esmola o mesmo Christo, dizendo assi com nosco: Senhor, não só quero dar esta esmola ao proximo por amor de vos, mas quero dala por vos mesmo em o proximo. [...] Este modo de considerar Christo no pobre...

Excellencias da misericórdia, pp. 24r-24v.

... [a esmola] preceito he divino e natural: porém se faltasse a circunstancia do fim, dando por respeitos humanos, e por Vaágloria o que se hade dar por amor de Deos...

Excellencias da misericórdia, p. 22v.

Não quero dizer que seja sempre occulta a obra, que isto não he possivel nem ainda muitas vezes conveniente [...] Particularmente os prelados, e pessoas que tem obrigação de dar exemplo, não tem de esconder as tais obras. Mas a intenção diz São Gregorio, que deve ser sêpre occulta, e reservada só para Deos. *Excellencias da misericórdia*, p. 26r.

los preladados y personas obligadas por su oficio a usar misericórdia, así como estan obligadas a evitar todo escándalo, así pueden y deben hacer limosna más en público, con tanto que la intención se apure y rectifique delante de Dios.

De la oración y consideración, III, 3, §13

Porque en una parte dice el Eclesiástico: Así como el agua apaga el fuego, así la limosna resiste a los pecados. En outra parte dice: El beneficio hecho en secreto apaga las iras, y el don escondido en el seno del pobre aplaca la indignación de Dios. En outra parte dice el sancto Tobías [Tob. 4]: que la limosna libra de todo pecado y de la muerte, y no deja el anima ir a las tinieblas.

De la oración y consideración, III, 3, §4

Y oor esto el profeta Esaías, despues de habernos encomendado el ejercicio de las obras de misericórdia, añade luego diciendo: Si así lo hicieres, irá delante de ti la justicia, y la gloria de Dios te recogerá. Porque uno de los mejores títulos que hay para pedir y esperar la gloria, es llevar delante de si el mérito desta misericórdia [...] ¿Qué más se puede sobre todo esto desear? Pues aun a todas estas gracias añado la mayor y más digna de ser preciada de todas, que es el premio de la vida eterna, y defensión que los misericordiosos tendrán en el dia del juicio con el favor desta virtud.

De la oración y consideración, III, 3, §§ 5 e 8

Comecemos pello efeito que faz na alma a esmola, com tirar dellas os peccados, que a trazem affeada y cuja. *Elemosyna ab omni peccatoet a morte liberat, et non patitur animam ire in tenebris* [Tob. 4].

Acompanha pois a esmola o misericordioso naquella hora em que ha de passar desta vida para a outra, e naquella ponto em que se ha de dar a sentença sobre a materia da salvação, que he de tanta importância [...] apresentase a esmola diante do tribunal divino, e não só ella faz por si o officio de advogado, mas ainda persuade ao juiz que juntamente avogue por aquelle a quem ha de sentenciar.

Excellencias da misericordia, p.128v

São Hieronymo, dice asi, fallando com Nepotiano: *Non memini me legisse mala morte mortuum, qui libenter opera charitatis exercuit, habet enim multos intercessores, et impossibile est multorum preces non exaudiri*. Não me lembra, que

Y esto dice aún más claro Sant Hierónimo en una epístola que escribe a Nepociano por estas palabras: No me acuerdo haber leído que muriese de mala muerte el que de buena gana se ejercitó en obras de misericórdia. Porque tiene este tal muchos intercesores que rueguen por él, y porque no es posible que no sea oída la oración de muchos.

De la oración y consideración, III, 3, §8

Porque es tan soberana y tan admirable la bondad de Dios , y el respecto que tiene a los que hacen bien, que no solo en la outra vida, sino también en esta les quiere dar el galardón. [...] Por onde no se movía tu corazón a esta virtud con las promesas de los bienes espirituales, aqui tienes ya lo que deseas, que son bienes temporales, que también se prometen al que da lo que tiene por amor de Dios.

De la oración y consideración, III, 3, § 10

Temes que e faltará de comer si fueres largo y piadoso para el pobre. ¿Cuando, jamás faltó de comer al justo, pues está escripto que no matará Dios de hambre al anima del justo?

A Elías sirven los cuervos de despenseros en el desierto; a Daniel, encerrado en el lago de los leones para ser comido dellos, se le trae de comer por providencia divina...

De la oración y consideración, III, 3, §11

lesse em livro algum morrer homem algum de má morte, e a causa por que todos acabam bem he por terem nos pobres muitos intercessores diante de Deos.

Excellancias da misericordia, pp. 133r-133v.

Dos bens temporais que Deos dá aos esmoleres...

...O dito até qui prova bẽ que paga Deos o que se faz por seu amor. Vejamos agora se esta paga he só em bẽs espirituais, que se fallara com gente espiritual isto lhe bastará por paga, e com isto ficara mui satisfeita; porẽ falamos com todos, por onde he necessário mostrar como Deos paga tãobem na fazenda aos misericordiosos...

Exellencias da misericordia, p. 67

A Elias sustentou não só por meio de hũa viuva necessitada, e em tẽpo de tanto aperto; mas (o que mais he) em o ribeiro de Carith por meo de corvos tragadores, que com toda a pontualidade, e diligencia lhe traziam pão e carne para jantar e cear e manham e tarde [...] Aqui temos como anjos, homẽs e ainda as mesmas aves de rapina são nesta parte instrumento da divina providencia; por onde não ha que desconfiar de tam bom pay, que se muito lhe damos, muito mais he o que recebemos. *Non occidet Dominus fame animam justi*. Não tema o misericordioso de que Deos o aja de matar a fome.

Excellencias da misericordia, pp. 70r -70v

*Em que se contão algũs exemplos d sanctos
y varões illustres do estado ecclesiastico,
mui amigos de pobres*

De algũs exemplos de pessoas religiosas

*Em que se põem exemplos de pessoas
seculares de vários estados*

*Confirmase o dito com exemplos [de
santos]*

... llenas están las historias y vidas de sanctos de semejantes maravillas, donde leemos que las haciendas que com esta fe y caridad se reparieron, fueron multiplicadas: queriendo el Señor mostrar la grandeza de su bondad y fidelidad con los que hacen algo por él, y probar la verdad de aquella sentencía que él dijo: Dad, y daros han.

De la oración y consideración, III, 3, §10

Esta consideración movió a los sanctos a hacer tan grandes extremos (si así se pueden llamar) por corresponder a esta obligación. Así leemos de santa Isabel, hija del rey de Hungría [...]. De Sancta Paula escribe Sant Hierónimo [...] Y de Sant Exuperio, obispo de Tolosa, escribe el mesmo sancto doctor[...] Y esta mesma misericordia se escribe de Sant Augustín y de Sant Ambrosio, clarísimos doctores de la Iglesia, los quales mandaban fundir los cálices y vasos sagrados para acudir a las necesidades de pobres [...]. ¿Qué diré de nuestro gloriosos padre Sancto Domingo [...]? Y lo que este sancto deseó hacer, hizo el sancto obispo Paulino...

De la oración y consideración, III, 3, §12

...pues él [Dios] dice: Lo que hecistes a

Que diremos daquelles dous grandes doutores da Igreja, Ambrosio y Agostinho, pois chegaram a vender os vasos da Igreja para dar aos pobres [...] Que maior charidade que a de S. Paulino bispo de Nola, que pedindolhe hũa molher esmola para resgatar hum filho seu cativo [...] De S. Exuperiobispo de Tholosa cõta S. Hieronymo [...] Do glorioso P.S. Domingos se le [...] Notavel foi a misericórdia da Bemaventurada Santa Paula [...] Que maior charidade para com os pobres, que a da rainha Santa Isabel Rainha de Portugal [...]?

Excellencias da misericordia, pp. 38v, 39v, 40r, 46v, 56r, 56v, 70v

Porê para os casados que não tẽ tanto sinala o B. S. Agostinho hũa regra a meu ver muito para notar. Faça o tal conta, diz, que se não tem filhos os pobres são seus filhos. Se tẽ hum filho, gaste com o pobre o que ouvera de gastar se tivesse dous filhos. Se tem dous, faça de conta que tem três e assi nos números

uno destes pequeños, a mi lo hecistes. Y sabiendo tú esto, ¿no temes ser escaso, viendo quién es este que padece necesidad ? Cuéntasme el número de tus hijos; mira que entre estos hás de añadir outro, y esse será tu Señor. Tienes un hijo, este sea el segundo; tienes dos, este sea el tercero; tienes três, haz que siquiera sea el cuarto. Hasta aqui son palabras de Sant Augustín

De la oración y consideración, III, 3, § 11

.... Aunque sea razón examinar las personas a quien das, porque no quites de los verdaderos pobres lo que das falso; mas todavía no quettia que fueses muy curioso examinador de las necesidades ajenas, como hacen algunos que por encubrir su avaricia adelgazan y sutilizan demasidamente estas matérias. Esta cindición es de Gregorio, teólogo, que dice así: no examines con mucho cuidado quién sea digno o indigno de la limosna que haces; porque mejor es algunas veces dar a los indignos por amor de los dignos, que ponerte a peligro de defraudar a los dignos por amor de los indignos.

De la oración y consideración, III, 3, § 13

seguintes....

...Já fica respondido em outra parte a replica dos que alegão a sustentação de seus filhos para deixar de dar esmola, com a doutrina de Santo Agostinho que aconselha como se devê os pobres meter no numero dos filhos, de modo que quẽ tiver hũ faça cõnta que tẽ dous, e quẽ tiver dous, cuide que tem tres. E assi nos demais numeros seguintes.

Excellencias da misericordia, pp. 31r, 162r

Podem também algũs avarentos escusarse de dar esmolla com dizer que ha pobres que fingem necessidade, e andão pedindo sem querer trabalhar como ociosos, e vadios, e que por isso não dão esmola. Não nego aver algũs, que assi o façõ e que folguem mais de pedir que de trabalhar.[...] diz São Hieronymo *Qui considerat cui beneficiat , et non omnipotenti tribuit: saepe praeterit eum qui meretur accipere*. O que he muito demasiado em exminar os pobreza quẽ ha de dar esmolla se a merecem ou não, muitas vezes lhe acontece deixar de dar ao benemerito, por mais diligencias que faça. Assi que não há para que se tema tanto o engano nesta materia, pois não he muito perigoso.

Excellencias da misericordia, pp. 158v, 159v.

Diligencia he tambẽ mui necessaria no acodir aos necessitados, da qual nos deu grande exẽmplo o Patriarcha Abraham, como pondera Santo Ambrosio, em ir

La sexta condición es, que el que ha de dar limosna, la dé luego sin dilación; porque desta manera será tanto mayor la dádiva , quanto fuere más presta pues dice el comum proverbio, que dos veces da el que presto da [...] Ejemplo tenemos desto en el patriarca Abraham que así como fue muy presto en la obdeiencia del sacrificio de su proprio hijo (pues luego de noche se levanto a sacrificarlo), así tambien lo fue en las obras de misericórdia, pues quando vió aquellos tres varones que pasaban por su casa, corrió luego al hato de las vacas a traer un becerro para ellos [Gne.18] y así todos los de su casa a gran prisa aparejaron el convite para los huéspedes.
De la oración y consideración, III, 3, § 13

Y la oración acompañada con esta misericordia , esa es la vuela con mayor lijereza al cielo, y la que merece alcanzar misericordia ante el acatamiento divino.
De la oración y consideración, III, 3, § 13

ao encontro buscar os peregrinos.[...] Origenes pondera tambem a grande diligencia de Abraham em se apressar elle, e fazer apressar a Sara para guisar a comida, e ao criado. O texto diz assi: *Festinavit Abraham in tabernaculum ad Saram, dixitque; Accelera: tria Satā similelae omisce, etc.. Ipse vero ad armenturm cucurirt, et tulit inde vitulum, etc. Deditque qui festinavit, et coxit illum [Gen.18].*
Excellencias da misericordia, pp. 61r-61v

Outro effeito lhe dão os santos tambem de muita consideração, que he despachar petições no tempo da necessidade, porque a esmola he como que hũa virtual oração [...] Confessa Esaias naquellas palavras: *Frange esurienti panem tuum, etc. Tunc invocabis, et Dominus exaudiet, clamabis et dicet ecce, adsum.* Não só mostra aqui ouvir Deos as orações acompanhadas da esmola, mas tãobem nos ensina juntamente, que sem dilação algũa lhe da despacho
Excellencias da misericordia, pp. 115v, 116v-117r

Por isso aconselha São Agostinho aos ricos sobre aquelle verso do Psalmo:

Y por esto dicen communmente los doctores que quiso el Salvador subir al cielo del monte de las Olivas, para dar a entender que la virtud de la misericordia, significada por ellas, es la que hace subir a los hombres a este lugar. Asimesmo se escribe [3 Reg.6], que el rey Salomon mandó hacer dos puertas de madera de olivas para entrar en el Sancta Sanctorum: para dar tambien a entender que por el ejercicio de las obras de misericordia (significadas por este árbol) habían los hombres de entrar en el reino de Dios

De la oración y consideración, III, 3, § 8

Filiae Tyri in muneribus vultum tuū deprecabuntur. Que quando forem á Igreja, se querem bons despachos em suas orações, Deprecentur in muneribus; peção dando peitas, que são esmolos. Parece que temos desta verdade hũa boa figura no terceiro livro dos Reys [3.Reg.6] onde mandou Nosso Senhor a Salamão, que pozesse duas portas de madeira de oliveira na entrada da Sancta Sanctorum. Pregunto, não forão mais fermosas de cedro, ou de outro pao, que de oliveira? Responde o veneravel Padre Granada, que nos quis o Espirito Santo nisto nos dar a entender, que a entrada da oração para com Deos então será certa, e segura, quando primeiro usarmos de misericordia figurada nas portas da oliveira, que della he symbolo. *Excellencias da misericordia*, pp. 116r-116v

Mostra Deos (diz hum varão santo [*Granad.*]) principalmente no Ceo sua bondade, no inferno sua justiça, e na terra sua misericordia, segundo aquillo que està escrito: *Misericordia Domini plena est terra.* Por onde aquelle que vivendo na terra exercita a misericordia, se parece e assemelha tanto com Deos. *Excellencias da misericordia*, p. 12v.

De hum cão conta o veneravel Padre Fr. Luis de Granada [Grana.] em seu simbolo, que estando por guarda de hũa quinta de sua ordẽ, succedeo que deram em outro cão seu companheiro hũa

grãde cutilada, de que esteve quasi para morrer, foy tanta a compayxão que o outro teve delle, que todos os dias lhe ia lamber a ferida e (o que mais he) que lhe levava os pedaços de pão na boca, e os punha diante do cão enfermo para que os comesse.

Excellencias da misericordia, p. 15v.

Finalmente considere o aarento e desconfiado aquillo que muito bem considerou o venerável Padre Fr. Luis de Granada [*Fr. Luis de Grana.*] que ha de vir o tempo em que forçadamente nos ha de ser necessario fiar de Deos melhor peça que temos que he a nossa alma, e depois todos avemos de querer morrer com aquellas palavras na boca: *In manus tuas Domine comendo spiritum meum.*

Excellencias da misericordia, p. 156r.

